



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
CURSO DE TURISMO E HOTELARIA

PAULO HENRIQUE OLIVEIRA SILVA

ESCOLA DE EDUCAÇÃO PERCUSSIVA INTEGRAL:
um exemplo de produção cultural no Cabula

SALVADOR
2010

PAULO HENRIQUE OLIVEIRA SILVA

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO PERCUSSIVA INTEGRAL:
um exemplo de produção cultural no Cabula**

**Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Turismo e Hotelaria,
Departamento de Ciências Humanas da
UNEB, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Turismo
e Hotelaria.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia
Castro**

**SALVADOR
2010**

PAULO HENRIQUE OLIVEIRA SILVA

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO PERCUSSIVA INTEGRAL:
um exemplo de produção cultural no Cabula**

**Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Turismo e Hotelaria,
Departamento de Ciências Humanas da
UNEB, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Turismo
e Hotelaria, à banca examinadora.**

Aprovada 17 em março de 2010

Prof.ª Dr.ª Carmen Lúcia Castro
Doutora em Cultura e Sociedade

Prof.ª Dr.ª Hilda Maria de Carvalho Braga
Doutora em Geografia

Msc.º Archimedes Ribas Amazonas
Mestre em Cultura e Sociedade

**SALVADOR
2010**

A monografia representa o final de uma jornada longa e cheia de incertezas. Mas, para enfrentar essa caminhada e vencê-la com entusiasmo é preciso está bem acompanhado....

Por isso não podia deixar de, mesmo esgotado como estou, dedicar este trabalho a minha família.

Obrigado pelo amor, compreensão e paciência.

Mas, para melhor representar essa jornada, DEDICO a minha monografia a Randerson dos Santos Almeida. Que aqui representa o apoio, a motivação, compreensão e a amizade.

Obrigado Manusko.

Sem você eu não ia conseguir.

“As pessoas que vencem neste mundo são as que procuram as circunstâncias de que precisam e, quando não as encontram, as criam.”

Bernard Shaw

RESUMO

O acesso a cultura é um dos direitos garantidos pelo Estado, mas na prática é um dever não cumprido. Um dos motivos que comprovam tal afirmação é o quadro de concentração de equipamentos culturais em Salvador. Em detrimento disso forma-se um eixo tradicional de cultura na cidade. Enquanto isso há falta de espaços culturais em outras localidades. Nessa perspectiva foi estudado o caso da Escola de Educação Percussiva Integral. O objetivo foi analisar como ocorre a produção cultural desse grupo, na localidade do Cabula, fora desse eixo. Nessa investigação foram feitas, pesquisas bibliográficas em bibliotecas, universidades e arquivos, seguidas de entrevistas com gestores culturais, associadas às observações em campo do Cabula e da referida instituição. Observou-se que apesar de prejudicados com essa problemática há relevância e qualidade no trabalho artístico cultural da Escola percussiva. Eles promovem a articulação cultural fora do eixo tradicional da cidade. De modo que fortalecem as ações comunitárias, retiram jovens do risco social, divulgam a Bahia no exterior e potencializa o turismo sociocultural no Cabula.

Palavras-Chave: Cultura. Equipamento cultural. Eixo Tradicional. Comunidade.

ABSTRACT

Access to culture is one of the rights guaranteed by the state, but in practice it is a duty not met. One of the reasons that prove this statement is the picture of concentration of cultural facilities in Salvador. Rather it formed an axis of traditional culture in the city. Meanwhile there is a lack of cultural spaces in other locations. This perspective has been studied the case of the School of Integral Education percussive. The goal is to analyze how the cultural production of this group, the location of Cabula out of that axis. This investigation were made, literature searches in libraries, universities and archives, followed by interviews with cultural managers, coupled with field observations of Cabula and the institution. It was observed that although affected with this problem is relevance and quality in the artwork's cultural percussive School. They promote cultural articulation off-axis of the town. So that strengthen community action, withdraw young social risk, disseminate Bahia abroad and enhances cultural tourism in the Cabula.

Keywords: Culture. Cultural equipment. Traditional shaft. Community

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Ensaio do grupo de dança afro _____	42
Foto 2: Ensaio dos jovens percussionistas estúdio da Escola Percussiva _____	43
Foto 3: Sexta d'art com Denny da Banda Timbalada _____	44
Foto 4: Plotagem TV percussiva _____	45
Foto 5: Estúdio de TV improvisado _____	45
Foto 6: Plotagem Rádio Percussiva _____	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CULTURA E EQUIPAMENTOS CULTURAIS: UMA REFLEXÃO CONCEITUAL	13
3 CABULA: UM DOS SÍTIOS HISTÓRICOS DE SALVADOR	27
3.1 ORGANIZAÇÃO LOCAL: UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO	28
3.2 AS TRADIÇÕES AFRICANAS NO CABULA	32
3.3 REFLEXÃO SOBRE A FALTA DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS NO CABULA	37
4 ESCOLA DE EDUCAÇÃO PERCUSSIVA INTEGRAL: CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO	40
4.1 AS PRINCIPAIS PARCERIAS: O PODER PÚBLICO E A COMUNIDADE	47
4.2 TURISMO SÓCIO-CULTURAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	52
5 CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

A liberdade de expressão cultural dos indivíduos e das comunidades é uma condição essencial da democracia, sendo assim, configura-se como um direito a todos de acesso a cultura, garantido pela constituição. Nela o Estado garante o exercício dos direitos culturais, bem como acesso às fontes e a difusão das manifestações culturais (BRASIL, 1988).

Essa condição é válida, principalmente, quando além de contemplar a motivação dos indivíduos para expressões artísticas e culturais, também dar condições materiais para tal. Esta materialização passa por diversos aspectos da fruição, porém o equipamento cultural é uma das primeiras ações tangíveis que privilegia o meio cultural e viabiliza a produção cultural em quaisquer comunidades.

Nesta investigação serão abordados aspectos preponderantes da relação entre concentração e falta de equipamentos culturais, relacionando-o com a produção artística e cultural, em comunidades e seus reflexos no turismo. A partir disso, pode-se compreender a relação existente entre uma localidade com falta de equipamentos culturais (Cabula) e a produção cultural existente neste contexto (Escola de Educação Percussiva Integral). Então, para análise desta problemática têm-se como tema o estudo de caso da escola de educação percussiva sob a perspectiva da falta de equipamentos culturais na localidade do Cabula.

Para tanto, as justificativas para a escolha deste tema serão descritas a seguir. A cidade do Salvador é, atualmente, como um dos principais pólos culturais do Estado da Bahia, mas necessita tratar adequadamente suas infra-estruturas culturais (BRASIL, 2008). No bojo da tendência a demonstrar resultados quantitativos o poder público contempla aspectos culturais que apresentem resultados, em curto prazo, negligenciando necessidades planejadas em longo prazo. Desse modo, observa-se que o destino Salvador carece de infraestrutura cultural que atenda aos atores sociais dos mais variados grupos.

A grande maioria, dos equipamentos culturais, está localizada em áreas no Rio Vermelho, Ondina, Barra, Graça, Corredor da Vitória, Campo Grande e Centro Histórico, de acordo com a estatística feita a partir dos dados fornecidos pelo Censo Cultural da Bahia de 2006, pode-se concluir que 46,3% dos equipamentos culturais estão localizados nessas 7 (sete) localidades. Os outros 43,7% deveriam ser distribuídos pelas outras localidades, de forma igualitária (BAHIA, 2006). É o único dado oficial que se tem sobre a distribuição de equipamentos culturais em Salvador. Dentro dessa estatística foram considerados os

equipamentos do tipo teatro, centros de cultura, salas de exposições e áreas livres para eventos. Isto porque, este trabalho adota o conceito de cultura ligado as linguagens artísticas, sendo estes os tipos de equipamentos que melhor atendem a essa fruição e liberdade de expressão. Além disso, observou-se que as localidades cuja população é predominantemente de baixa renda carecem de equipamentos.

Desse modo, observa-se uma concentração de equipamentos culturais na cidade, dificulta a produção artístico-cultural das várias localidades do município e o uso de equipamentos culturais tornou-se privilégio das classes com maior poder aquisitivo. Essas áreas com concentração centralizam o lazer, as políticas culturais locais, o atrativo cultural, e a oportunidade dos residentes produzirem cultura.

Neste estudo, elas são consideradas eixo tradicional, detentoras dos benefícios provenientes da produção cultural da cidade, sendo classificado como uma região onde a movimentação cultural acontece e, conseqüentemente, o desenvolvimento humano, através do conhecimento sócio-cultural difundido. A existência de um eixo tradicional constitui uma produção verticalizada, tendo em vista que a região fora do eixo tradicional passa a ter sua produção considerada inferior e pouco representativa (na base da “pirâmide” cultural). Em contrapartida, este esvaziamento não impede que as produções sejam ricas e relevantes para a história da cidade, mesmo não sendo reconhecidas oficialmente.

Uma demonstração disso é a localidade do Cabula, no miolo de Salvador (centro geográfico), que aparentemente, não demonstra relação direta com a formação da identidade local. Porém, tem uma ligação com a história da cultura negra, muito relacionada com as refugiações dos escravos no Quilombo do Cabula, nome que originou o da localidade (FERNANDES, 2003). Nesse contexto, merece destaque o estudo de caso da Escola de Educação Percussiva Integral, que funciona há 7 (sete) anos e representa uma relevante produção cultural no Cabula. O trabalho desenvolvido oportuniza vivências que resgatam a cultura local, fortalecendo a identidade e os valores sociais.

Eles buscam, por meio das práticas de músicas desenvolvidas, estabelecerem uma filosofia artística adequada à formação cultural, importante para a construção e firmamento da peculiaridade de uma localidade. Exemplos são os trabalhos com ritmos como o coco, a embolada e o maracatu, atualmente pouco valorizados. Assim, transformaram-se em referência, em preservação de ritmos locais, sendo considerado um centro de musica que eleva a auto-estima étnico-cultural, inclusive, por estrangeiros, que os visita de forma desordenada. Tudo isso estando localizado fora do eixo tradicional. Então, nota-se que, mesmo sem equipamentos culturais, as iniciativas são capazes de dinamizar a produção

cultural existente, demonstrando preocupação com a história da cultura do seu povo (ESCOLA DE EDUCAÇÃO PERCUSSIVA INTEGRAL, 2007).

A questão norteadora desta investigação é saber em que medida, a Escola de Educação Percussiva Integral tem trabalhado sua produção cultural no Cabula, localidade fora do eixo tradicional? Diante do exposto, a presente investigação tem como hipótese, que a falta de equipamentos culturais na localidade do Cabula gera entraves na produção cultural existente na região. A Escola de Educação Percussiva Integral, por exemplo, encontra dificuldades na interlocução local, visibilidade comunitária e no desenvolvimento da dinâmica social, econômica e cultural. Por outro lado, mesmo com essa incipiência de espaços, as suas expressões artístico-culturais crescem, fortalecem-se e representam identidade local. De modo a promover benefícios para a localidade do Cabula.

Neste sentido o objetivo geral é analisar a produção cultural desenvolvida pela Escola de Educação Percussiva Integral situada na localidade do Cabula. Além disso, os específicos pretendem discutir reafirmar a importância de equipamentos culturais na vida útil das ações comunitárias e na dinâmica social, econômica e cultural de uma localidade, conhecer o processo de concentração de equipamentos culturais em Salvador, apresentar a importância histórica, cultural e social da localidade do Cabula e discutir o potencial das iniciativas culturais da Escola de Educação Percussiva Integral.

A ideia que norteia essa avaliação do potencial das atividades desenvolvidas pelo objeto de estudo prioriza o turismo, porque este é prejudicado com essa concentração. Os denominados roteiros de turismo cultural da cidade, com poucas alterações ao longo do período são os mesmos há quase 4 (décadas), sem renovação dos atrativos. Visto que, os espaços culturais aproveitados nesses roteiros são sempre os mesmos e continuam apresentando aos turistas as opções que privilegiam a Barra, Vitória e Centro Histórico. (MAGNAVITA, 2007).

Como pode-se observar, a importância científica e social do estudo está pautada na multiplicação das investigações sobre o assunto. Além disso, valoriza e reconhece a relevância de iniciativas de base comunitária, como a da Escola de Educação Percussiva, para que através de um estudo científico, haja disseminação desse conhecimento sociocultural. Isto, pois os estudos existentes são dispersos, com informações pouco sistematizadas que não avaliam o funcionamento, a efetiva utilização e a importância dos mesmos no contexto onde se inserem. (NUSSBAUMER; RATTES, 2005).

Isto posto, faz-se necessário conhecer a metodologia que conduziu a investigação do presente estudo. O trabalho tem como método de abordagem o indutivo. Este consiste no

estudo das partes para a formulação de uma verdade geral. A indução parte do estudo dos elementos que compõem o todo, para a partir daí gerar premissas, as quais devem ser suficientemente embasadas para provarem as conclusões finais. (LAKATOS; MARCONI, 1991).

Foram utilizados os seguintes métodos de procedimento. O primeiro deles será o estudo de caso, que permitirá estudar a Escola de Educação Percussiva Integral, objeto de estudo, dispensando excessos de detalhes e considerando apenas o indispensável. O segundo é o estudo exploratório, que foi definido para que haja um levantamento do que já foi pesquisado, estudado e escrito, sobre o tema proposto com o respaldo dos autores. O terceiro será o descritivo para detalhamento da produção cultural do caso estudado. Este pretende descrever com exatidão iniciativas e as expressões desenvolvidas pela Escola percussiva. Por fim, foi utilizado o método estatístico, para realização da estatística, que transformou os dados do Censo Cultural da Bahia 2006 em dados estatísticos. Técnicas de pesquisa também serão utilizadas, como documentação indireta, a pesquisa documental, entrevistas, com os agentes ativos da Escola de Educação Percussiva Integral e com os gestores da cultura local e os registros fotográficos.

Esta monografia será composta por 4 (quatro) capítulos, além desta introdução. O capítulo 2 (dois) trará reflexões conceituais acerca de cultura e equipamentos culturais, para que haja uma delimitação da linha de pensamento do autor. O capítulo 3 (três) será responsável por apresentar a produção cultural imaterial do Cabula, considerado um dos centros históricos da cidade, localidade onde está inserida a Escola de Educação Percussiva Integral. O capítulo 4 (quatro) estuda o caso da Escola de Educação Percussiva Integral, objeto deste estudo. Por fim, o Capítulo 5 (cinco) apresentará as considerações finais, conclusões e reflexões do trabalho.

2 CULTURA E EQUIPAMENTOS CULTURAIS: UMA REFLEXÃO CONCEITUAL

O pensar cultural estaria vinculado a um ato social, porque ele desempenha um papel construtivo. Os significados que os símbolos e os veículos materiais, existentes em uma sociedade têm devem ser profundos e heterogêneos, para serem capazes de cooperar com a formação do indivíduo, principalmente, para ele se perceber como parte desse símbolo. Por intermédio do ordenamento dos equipamentos culturais (símbolos significativos), que há a oportunidade do homem encontrar sentido nos acontecimentos que ele vive. Portanto, o planejamento local desses veículos culturais, seja ele com interesses de lazer ou de turismo, não pode ter favorecimento, que segundo Geertz, “são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente.” (GEERTZ, 1989, p. 10).

É importante salientar que um equipamento cultural tem diversos valores agregados, muitas vezes, pela função que adquire naquela comunidade. O valor que uma sociedade atribui a determinado bem reflete suas crenças, costumes e identidade. Elas se mantêm unidas por meio desses símbolos e se reconhecem como um grupo de essência comum. Isso gera uma satisfação por saberem da existência desses bens, seja ela artistas, apreciadora ou ainda a pessoa que não se relaciona, diretamente, com ele. Assim, com o passar do tempo, eles tornam-se objetos do dia-a-dia, funcionais ou estáticos e passam a assumir um valor histórico. Isto posto, percebe-se a força de um equipamento cultural nas variadas perspectivas. (SOUZA, 1997)

Em muitos momentos esses equipamentos são instrumentos de protestos da população de baixa renda, são instrumentos que ajudam a chamar a atenção do poder público e também de mostrar a sua arte, proveniente da exclusão social, que muitas localidades, não contempladas sofrem. Este tem uma importância política, pois é dentro das suas imediações que há a construção desse valor. Nesse caso, a cultura é usada para alertar, despertar a consciência crítica e combater a manipulação que ocorre por parte de ideologias que estão no poder.

Com esta força, a palavra equipamento cultural gera diversos desdobramentos, por isso podem ter sido manipulados, ao longo do tempo, tendenciosamente na sua distribuição, pelos gestores. Principalmente, pois ele carrega em si próprio o espírito da ação cultural. É uma área livre para produzir e apresentar cultura. Ele representa um processo de criação ou

organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos - sujeitos da cultura. São espaços que se preocupam com a conquista do desenvolvimento individual, para posteriormente desenvolver o coletivo, tendo como resultado a valorização da produção simbólica dos mesmos (SELDIN; VAZ, 2007).

Esses equipamentos, portanto, são, acima de tudo, formadores de cultura. Além disso, eles lidam com os padrões de comportamento com as crenças e os valores. Todo esse conjunto, elaborado pelos homens e que, por sua vez, lhes regula o comportamento. Por isso, nenhum objeto, nenhuma coisa e, conseqüentemente, equipamento cultural é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem (SAHLINS, 2003).

O Ministério da Cultura considera videolocadora e shopping como equipamentos culturais (BRASIL, 2009). Porém, dentro deste estudo é importante salientar conceitos que delimitam os equipamentos considerados nesta investigação como culturais. Dessa maneira, a linha de raciocínio desse trabalho, conforme os conceitos norteadores supracitados é a de que o espaço cultural tem relação primordial com a produção cultural permitida, fomentada e incentivada, pelo espaço físico. Isto porque é detentor de uma força social, cultural e econômica intrínseco a ele e dada à localidade onde ele pertence. Ele deve ter sido criado com esse intuito e as pessoas atraídas interessadas em ver e produzir cultura.

A expressão “equipamento cultural” associada a um conceito de cultura mais abrangente até admitiria classificar videolocadora e shopping como tal. Por outro lado, deve-se levar em consideração o objetivo principal com o qual ele foi criado. O shopping, por exemplo, foi criado para compras, gastos e para o consumismo. Estes se dedicam ao lazer da população e reservam áreas específicas para serviços voltados para as novas dinâmicas no comportamento do mercado e do consumo.

Ele tem uma atenção maior dirigida ao público de jovens, adolescentes e crianças, principais consumidores dos mais modernos serviços de entretenimento e lazer ali oferecidos. Ele é um ambiente fechado, seguro e permiti uma circulação de pessoas dispostas, no primeiro momento a comprar, gastar, deixar recursos em todo aquele conjunto de lojas, além de praticarem o lazer. (REVISTA SHOPPING CENTER, 2001). Os gestores dos shoppings não têm pretensão de se tornarem emissores de produção cultural e nem de se tornarem pólo cultural. Essas iniciativas são secundárias, mesmo porque, shoppings, escolas, videolocadoras e muitos outros estabelecimentos não podem atender a uma demanda que não é dela. Sendo assim, as feiras, amostras e exposições que acontecem dentro desses estabelecimentos são

válidas. Em contrapartida, são espaços que atendem a uma demanda reduzida e não especializada, já que os espaços apropriados atenderiam, de forma ideal, a cultura local.

O caso da videolocadora também é questionado, devido ao foco do estudo defendido anteriormente. A videolocadora é um ambiente de locação de filmes, sendo assim, a arte e a produção cultural não são a principal atração. Ela existe para repasse de filmes e de artes produzidas longe dali, não sendo um espaço fundamental para a produção daqueles filmes. Ela não funciona nem para contemplação das artes produzidas, como acontece nos museus, então é literalmente um entreposto entre emissor (produtores culturais) e os receptores (público-alvo). Portanto, nesse entendimento não é considerada como equipamentos culturais.

Eles podem até, em longo prazo, serem considerados equipamentos, quando abrigam exposições, apresentações musicais e outras expressões do gênero. Em contrapartida, essas ações são feitas pensando na atração de clientes, consumidores e pessoas com poder aquisitivo para deixar capital assim a lógica de produção cultural é esvaída. Nenhuma das opções supracitadas pode substituir a construção de um espaço especializado, do tipo teatro, centro de cultura, sala de exposições ou áreas livres para eventos. Estes têm sua função estabelecida e pensada dentro das políticas culturais do estado, das produções, ações comunitárias e acima de tudo assumem uma representatividade.

Para melhor entendimento, faz-se necessário adotar conceitos de cultura para consolidação das linhas de pensamento. Sendo assim, pode-se dizer que a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que além de elaborar seus modos de pensar e sentirem constroem seus valores, manejam suas identidades, diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, pequenos mundos de sentido que lhe permitem uma relativa estabilidade. Desse modo, a cultura fornece aos indivíduos equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos (BOTELHO, 2001).

Produzir cultura numa localidade é o diferencial que toda comunidade deveria usufruir. Isto, pois, ela é demarca aquela localidade através das idiossincrasias produzidas pelos atores sociais. Então, este fazer cultural torna aquela comunidade um território, que não é entendido apenas como resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais. Ele demarca, pois é o chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. Com o poder do equipamento cultural, aquele local torna-se território, tendo como base o trabalho, as trocas materiais, imateriais e culturais (SANTOS, 2002). De modo que, tenhamos nas diferenças culturais fatores demarcadores de territorialidades, assim devem ser estimuladas como lugares de práticas culturais nas cidades.

Cabe então pensar a cultura numa dimensão sociológica, que não se constitui apenas no plano do cotidiano do indivíduo, mas sim em âmbito especializado: é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Para que essa intenção se realize, ela depende de um conjunto de fatores que propiciem, ao indivíduo, condições de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de seus talentos, da mesma forma que depende de canais que lhe permitam expressá-los. (BOTELHO, 2001).

Por isso, é importante que a população tenha participação efetiva, não apenas como receptora, mas também como produtora de fluxos e estoques simbólicos. Tendo em vista, o

Direito de acesso e de fruição dos bens culturais por meio dos serviços públicos de cultura (...), enfatizando o direito à informação, sem a qual não há vida democrática; Direito à criação cultural (...); Direito a reconhecer-se como sujeito cultural, graças à ampliação do sentido de cultura (...); Direito à participação nas decisões públicas sobre a cultura, por meio de conselhos e fóruns deliberativos. (CHAUÍ, 1995, p.82-83).

Compreende-se, então, a importância de definir bem o que é cultura e equipamento cultural dentro de uma sociedade. Visto que,

Para que a cultura, tomada nessa dimensão antropológica, seja atingida por uma política, é preciso que, fundamentalmente, haja uma reorganização das estruturas sociais e uma distribuição de recursos econômicos. Ou seja, o processo depende de mudanças radicais, que chegam a interferir nos estilos de vida de cada um, nível em que geralmente as transformações ocorrem de forma bem mais lenta: aqui se fala de hábitos e costumes arraigados, pequenos mundos que envolvem as relações familiares, as relações de vizinhança e a sociabilidade num sentido amplo, a organização dos diversos espaços por onde se circula habitualmente, o trabalho, o uso do tempo livre, etc (BOTELHO, 2001).

Em paralelo, controlar a distribuição desses espaços é uma tarefa fundamental para evitar desordem no tecido urbano. Vale acreditar que as produções culturais devem funcionar para manutenção das manifestações sócio-culturais das localidades. As atividades desenvolvidas nesses espaços são úteis para estimular elementos disciplinadores e de manutenção da ordem social, além de contribuírem para recuperação da força de trabalho, estímulo do lúdico e da geração de renda para a localidade, em que estão inseridos. A diversidade dos padrões de cultura e, conseqüentemente, de públicos, de classes e locais representa a pluralidade inerente a utilização de um espaço cultural utilizado como bem social. Assim, evidenciam-se as distintas possibilidades de escolha por parte das pessoas, sendo impossível desassociar a cultura, do indivíduo, seja ele residente ou turista (MELO; PERES, 2005)

A equidade na distribuição dos espaços culturais favorece a produção cultural na cidade. Estaríamos, contudo discorrendo sobre uma democracia cultural que não existe na prática, pois nem todos podem expressar-se. A situação dos equipamentos culturais mal distribuídos é muito mais ampla do que a questão física. Basta que se perceba que a manutenção desse cenário em que

[...] privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem regras de inclusão e exclusão. São flexíveis [...] independentes do seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. [...] Finalmente, os enclaves tendem a ser ambientes socialmente homogêneos. Aqueles que escolhem habitar esses espaços valorizam viver entre pessoas seletas (ou seja, do mesmo grupo social) e longe das interações indesejadas, movimento heterogeneidade, perigo e imprevisibilidade das ruas. Os enclaves privados e fortificados cultivam um relacionamento de negação e ruptura com o resto da cidade e com o que pode ser chamado de um estilo moderno de espaço público aberto à livre circulação. Eles estão transformando a natureza do espaço cultural e a qualidade das interações públicas na cidade, que estão se tornando cada vez mais marcadas por suspeita e restrição (CALDEIRA, 2000, p.259).

É importante pensar num conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que envolvam simbolização e por sua vez, definem como vida social se desenvolve. Diante disso, vê-se que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência. A análise da cultura dentro da problemática de falta de equipamentos deve ser maior do que o resultado da produção humana e considerar o processo de produção. (MARCELLINO, 1982).

Isso é vital para o desenvolvimento sócio-cultural de uma comunidade. Ela permite a compreensão dos significados dos acontecimentos circunvizinhos, não estando associada apenas ao entretenimento. Pelo contrário, demonstra a capacidade do indivíduo de sensibilizar o outro, através da produção humana. Esta, então, assume o papel de representante do que há de imaterial no homem criativo. Afinal, uma forte articulação cultural depende do apoio a ele, seja físico (distribuição de equipamentos culturais) ou política (políticas culturais inclusivas). Dessa forma, aumenta-se a possibilidade de acesso ao que é produzido, com estímulos para que eles (comunidade criativa) sintam-se capazes de produzir criativamente.

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas conseqüências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (BOTELHO, 2007, p.110)

Vê-se que a cultura é de difícil materialização e devido a isso, muitas ações pensadas para elas acabam sendo frágeis, não contemplando os aspectos importantes. Isto, pois, ela é um vetor de desenvolvimento social, com intuitos sócio-educativos diversos para estimular atitudes e o desejo de atuar politicamente, por exemplo. Os centros culturais apóiam neste desenvolvimento lúdico, cognitivo e criativo do indivíduo. Atua como uma ferramenta vital do sistema cultural, que se apóia nos aspectos imateriais e materiais. De modo que, muitos destes auxiliam no enfrentamento de problemas sociais, como os altos índices de violência, a significação dos bairros e ressocialização de pessoas marginalizadas. Esta cultura estaria pautada não só na arte em si, mas na função utilitária de transformação social, tendo em vista as tessituras existentes entre o campo social e cultural.

A cultura na contemporaneidade repleta de conceitos e interpretações tem a sua materialização, perante a sociedade, dificultada. O equipamento cultural é hoje uma das materializações responsáveis pelos fluxos e circulações culturais de diversos tipos. Há espaços que colaboram com o desenvolvimento sociocultural e econômico de uma localidade. Estes são os tradicionais, que detêm todo aparelhamento necessário, para constituir uma manifestação cultural, desde a iluminação até aos espaços de ensaios adequados. Esses fabricam expressões culturais tangíveis, tornando-se produtos formatados, prontos e comercializados.

O mercado absorve de maneira satisfatória essa produção, tendo reconhecimento muitas vezes municipal, estadual e até nacional. Estes são produtos simbólicos valorizados pelo mercado e que demarcam a territorialidade através da cultura, já que são equipamentos trazem vida as comunidades que estão inseridos, de modo que tenha seu eixo geográfico legitimado pelo eixo da cultura. Desse modo, ele demarca território entendido neste estudo como o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é à base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (ALBINATI, 2008)

Por outro lado, temos outros que não contribuem tanto para o fluxo cultural, visto que não atende a legitimidade do conceito adotado neste estudo. Eles existem enquanto um espaço qualquer, para se produzir algo considerado como cultura, pelas gestões que não tem condições de oferecer suporte ideal para aquelas produções. Esta constatação não dispensa a manifestação nesse “espaço qualquer”, pois também reconhece a importância da cultura do plano do cotidiano do indivíduo. Porém, este comodismo por parte de quem deveria pensar a

cidade como um ambiente justaposto é preocupante. O que acontece são localidades dentro de um mesmo município, com diversos equipamentos, que atendem de maneira restrita, os seus residentes.

Em contrapartida, existem localidades que não dispõem de subsídios e componentes idéias para manifestar-se culturalmente. Então, mesmo assim eles acabam reagindo a este processo de exclusão, de maneira a criar uma teia de manifestações que as caracterizam. Desse modo, improvisam seus espaços, criam seus equipamentos, improvisam seus aparatos necessários e produzem de acordo com o seu entendimento. Porém, sabe-se que os equipamentos têm um papel importante no desenvolvimento e incentivo dessas produções tanto nos locais onde ele existe organizado e sistematizado e também onde ele foi improvisado com componentes alternativos. Agora cabe refletir sobre sua importância sociocultural e econômica, para que seja dado o real valor ao espaço de cultura, como um demarcador geográfico legitimado pela cultura.

O equipamento cultural é, em sua dimensão material, o resultado da transformação da natureza em função de um trabalho humano, em prol da cultura. A partir disso, ele se torna palco das relações sociais, portanto verdadeiramente construído e modelado pelo homem. Sendo assim, não é um espaço abstrato, sem justificativa plausível para existir. Ele é concreto e dá subsídios para que os próprios homens sustentem os fatos que ocorrem ao longo da história da sociedade.

Como qualquer realidade social, o espaço não é uma entidade apenas objetiva; sua objetividade é lida (inter)subjetivamente, sua materialidade é dotada de significações específicas para cada indivíduo (subjetividade) mas que são, também, em certa medida, compartilhadas por vários indivíduos (intersubjetivamente) [...] na verdade é materialidade impregnada de valores, um referencial para a orientação quotidiana, um catalisador simbólico e afetivo. (SOUZA, p.23, 1997).

Um equipamento cultural transcende seu suporte material, principalmente se utilizado de maneira adequada. Colabora com a condição da existência humana através do produzir, circular, amar, construir, sendo assim “reaparecendo em um plano conceitualmente mais elevado: materialidade dotada de significado, parte da experiência humana”. Souza (1997) ainda afirma que a isto se deve adicionar política, econômica e social, que ele adquire dentro de uma localidade. Isto porque, é capaz de gerar renda e emprego para a comunidade que está inserido, além de contribuir para a prática do lazer, o que significa que contribui para a saúde mental da população circunvizinha a ele.

Por tudo isso muitas vezes ele tende a ser um objeto de desejo e apropriação por parte da população. Principalmente, das classes economicamente privilegiadas, que querem está cada vez mais próximas dos símbolos da cidade. Então, por isso as localidades onde

habitam a classe de maior poder aquisitivo concentram os teatros, centros culturais, salas de exposições, salas para eventos e outros. Porém, é importante que seja levado em consideração o papel de identidade coletiva, de relevância simbólica e a representatividade afetiva dos equipamentos, sem fazer distinção nem geográfica e nem de classe.

Vale ressaltar, ainda nessa discussão, ainda de acordo com Souza (1997) que a materialidade de um espaço cultural tem importância cada vez maior. Ele imuniza a sociedade de achar que o seu universo (rua, bairro, cidade...) seja à base da existência social. Sua contribuição vai além de pautas de teatro, de uma boa iluminação cênica, dos valores dos ingressos. Ela atinge os recursos ligados diretamente ao povo, aos seus ancestrais, permitindo que as histórias sejam contadas e perpetuadas ao longo do tempo. Evita que o etnocentrismo seja praticado em âmbito local, pois através das suas produções mostra que o homem presente, pode contar as histórias passadas e contribuir para a memória das futuras gerações, sendo assim há compromisso com a identidade coletiva. Assim, ele pode ser vivenciado de dentro (através das produções culturais) ou de fora (através da apreciação), que a sua capacidade de criar identidade será sempre sua característica marcante.

Por isso há uma coerência em se distribuir os equipamentos culturais numa cidade. É a necessidade que há de fazer um indivíduo conhecer não apenas aquilo que ele vivencia. Pois, se assim fosse, a sua imagem social seria restrita, as problemáticas sociais poderiam ser facilmente desprezadas ou desconsideradas. Nessa perspectiva, é válido salientar a necessidade de espaços culturais em áreas periféricas, pois desconstrói o preconceito de que o que é construído lá não pode ser considerado arte ou cultura. Além disso, contribui para que as identidades sejam construídas de baixo para cima e não predominantemente estimuladas por interesses da elite dominante. “É possível com suporte na idéia de autonomia, escapar do desenvolvimento enquanto algo exógeno, trazido (ou imposto) de fora, culturalmente estranho e de conseqüências não raro nefastas, ainda que fascinante” (SOUZA, P. 32, 1997).

Pode-se dizer que as questões acima dizem respeito às dimensões diferentes que adquirir cada realidade social. É a partir daí que temos várias expressões e modos de perceber a cultura. Num município, por exemplo, as localidades que o compõem são pequenos universos que contribuem para a formação de uma identidade maior. Porém, existem expressões a margem dessa formação tradicional, que muitas vezes são tão importantes quanto e não são reconhecidas. Em muitos casos, elas são a maioria da população, mas que devido à falta de reconhecimento perante o mercado cultural, tornam-se minoria.

Esse grupo produz um conhecimento considerado inferior, para a elite cultural ou eixo tradicional de uma cidade. Ao longo do tempo, essa produção cultural “rejeitada” passou

a ser entendida como cultura popular. Existem muitos problemas advindos dessa classificação, que não são o foco desse estudo. Por conseguinte, vale lembrar que a falta de méritos atribuídos a essa forma de cultura reflete, muitas vezes, na falta de equipamentos culturais em localidades periféricas. Isto, pois, o que ali é produzido não interessa a quem administra a cultura em determinado local. É evidente que esta constatação não se faz regra, porém é uma tendência percebida nas grandes capitais, que inutilizam, através da falta de subsídios, por exemplo, a produção cultural.

Ao longo da história, a cultura dominante adquiriu legitimidade própria na filosofia, na ciência e em outros setores ligados as instituições do saber acadêmico, como universidades e academias. A própria natureza da sociedade em que vivemos faz com que essas instituições estejam fora do controle das classes dominadoras. Então, entende-se como cultura popular as manifestações culturais dessas classes, manifestações com valores intrínsecos ao da população. Em geral são diferentes da cultura dominante, que estão dentro desse eixo tradicional. Ela existe independentemente dessa última, mesmo sendo contemporâneas uma das outras (SANTOS, 2006).

Há controvérsias nessas relações de produção cultural fora do eixo dominante. Isto porque, é a própria elite cultural da sociedade, participante das instituições dominantes, que desenvolvem a concepção de cultura popular, foram essas instituições que fizeram questão de separar a cultura popular da sua forma de produzir cultura. Por um lado, pois na formação de seu próprio universo de legitimidade, muitas manifestações culturais são deixadas de fora. Por outro lado, pois o conhecimento dominante é que decide o que é cultura popular (SANTOS, 2003)

Nesse cenário fica claro o quão desfavorecidas, seja por falta de equipamentos culturais ou por falta de reconhecimento, são as produções fora do eixo. Já que, a expansão dessas produções populares logo alimenta essa polarização entre eixo tradicional e marginalizado. De maneira que, a expansão da cultura popular significa reação ou resistência a essa dominação da cultura das elites, ou seja, leva-se em conta, apenas o seu caráter revolucionário. Porém, esse teor revolucionário, por vezes acontece, pois a expansão da cultura propagada pela classe dominante pode significar uma expansão colonizadora. Visto que, num dos conceitos de cultura supracitados vê-se o poder de territorialidade que ela exerce nas localidades. Toda produção cultural é o resultado dessa existência comum é um produto dessa história coletiva, embora seus benefícios e seu controle se repartam igualmente. Este sim é o cerne da questão cultural em nossa sociedade. Desfaz-se assim a idéia frágil de

que uma parcela tão fundamental da sociedade possa ser vista como uma realidade isolada no plano cultural. (SANTOS, 2003)

Nesse âmbito, vale destacar a importância da política cultural para que haja um fortalecimento desses conceitos e uma valorização cultural em si mesma. Assim, entende-se a política cultural como uma gestão democrática dos recursos culturais de todo e qualquer lugar. Sendo assim, ela nada mais é do que “um programa de intervenções realizadas pelo Estado, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas (COELHO, 1997, p. 293).

A dificuldade em ter políticas eficientes está no caráter participativo que os gestores deveriam atribuir a elas. As necessidades culturais da população não estão ditas em nenhum livro ou manual elas resultam da compreensão que os segmentos atuantes nos campos políticos e culturais têm dessas necessidades e dos interesses envolvidos. Apesar de parecer óbvio é um problema de difícil resolução. Além disso, é importante acrescentar que “política cultural é um conjunto de valores, princípios, instrumentos e atitude que guiam a ação do governo na condução das ações culturais (REIS, 2003, p.139). Elas guiam as ações de todos aqueles que atuam de alguma forma, na condução de ações no campo da cultura, no mercado cultural. Isto posto é evidente a necessidade de uma gestão cultural eficiente, que possa organizar e gerir de maneira ampla os meios disponíveis, para colocar em prática as políticas culturais.

Essas políticas norteadoras são consideradas “um conjunto de iniciativas tomadas por esses agentes, visando promover a produção, distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável” (COELHO, 1997, p. 140). Ou seja, esses equipamentos em uma cidade representam o local dinâmico de uma localidade, devido a circulação de produções, lazer, expressões, consumo cultural e artes produzidas pela população. Em vista disso, esse mercado das políticas culturais estabelece as relações de poder que determinam o funcionamento desse circuito. Pode-se então conceber a idéia de que as políticas culturais não são apenas as associadas ao governo. Até porque, com a descontinuidade partidária que existente no Brasil o lazer e a cultura estariam fadados a serem prioridade de acordo com cada gestão.

Política pública deixa de ser, então, sinônimo de política governamental do governo e envolve ou deveria envolver o setor privado e a sociedade civil (terceiro setor, universidades e centros de debate), amalgamando as perspectivas de diferentes atores sociais (REIS, 2007, p. 140)

Esses entendimentos beneficiam a cultura no seu sentido amplo, mas também as atividades associadas a ela como, por exemplo, o turismo. Visto que, “O turismo deve ser para a cultura, um agente de geração de possibilidades para a sua auto-sustentação, e a cultura, por sua vez, deve ser para o turismo, um agente de prestígio e de “legitimação” dos seus processos de desenvolvimento” (REIBER, 1997, p.7). Por essa razão é importante se ter um cuidado ao haver esta troca, para que não haja uma sobreposição de importância entre elas, por fatores diversos. O turismo deve levar em consideração a função social da cultura, importante para as comunidades, numa cidade. Importante que haja uma prática de ocupação territorial não predatória, em que o turismo preocupe-se com os benefícios e malefícios que pode ser gerado para aquela comunidade, da qual ele está se beneficiando. O resultado disso seria uma cidade mais equilibrada culturalmente, com um déficit mínimo de lazer e distribuição cultural inclusiva, resultando numa administração pública capaz de promover desenvolvimento urbano-cultural.

Por meio dessas reflexões e referenciais fica evidente que há possibilidade de encontrar uma sociedade com residentes aptos a receber turistas, devido à satisfação que eles teriam com as opções de divertimento e produção cultural existentes na sua cidade. Além disso, teríamos turistas deslumbrados por um destino que utiliza a sua cultura local, como principal instrumento do produto turístico oferecido a eles. O turismo e a cultura são atividades ligadas aos fatores sociais e de socialização humana. Ele se caracteriza, principalmente, pela importância social, podendo ser proveitoso para os consumidores e lucrativo para os produtores (ALMEIDA, 2003).

Encontrar uma definição completa do turismo hoje é difícil, devido a seu grau de complexidade. Ainda assim, existem conceitos que conseguem reconhecer as várias dimensões atribuídas a ele, mas ele

É uma atividade socioeconômica, pois gera a produção de bens e serviços para o homem visando à satisfação de diversas necessidades básicas e secundárias [...] envolve a indispensabilidade de componentes fundamentais como o transporte, o alojamento, a alimentação e, dependendo da motivação, o entretenimento [...] A riqueza gerada pelas múltiplas atividades não tem limites, as fronteiras geográficas não existem mais [...] o que se observa é a existência de uma rica e grandiosa relação com todos os setores da economia. (LAGE; MILONE, 2000, P.26)

O turismo, então, só se estabelecerá, em plenitude, nos diversos setores que se relaciona, quando dê total condição a todos os componentes da pirâmide social de construí-lo. Desenvolvido em cima da conscientização dos agentes ativos, pensadores das políticas culturais e de lazer, bem como dos consumidores do lazer e do produto turístico. A preocupação que deve existir no turismo é a consciência de preservação da comunidade com

relação aos seus bens culturais, de forma que o turismo seja um agente potencializador, no sentido de criar, para ela, uma base de auto-sustentação da sua própria cultura. Enquanto isso é necessário estímulo cultural, para que este seja um vetor de desenvolvimento socioeconômico e não um vetor de exploração e exclusão social. Todavia, se não houver uma construção cultural de base comunitária, o turismo é capaz de inserir elementos exógenos na cultura de uma determinada comunidade. Se não houver este cuidado, todo um lastro de tradições de uma comunidade pode desaparecer ou se modificar profundamente (REIBER, 1997).

A atividade é um processo de reconhecimento de todos os agentes, gestores, produtores, considerando que não há um único, ou melhor, agente. Assim, subentende-se que todas as pessoas devem participar das atividades culturais e turísticas da comunidade em que estão inseridas. Desse modo, reforçam-se as constatações supracitadas e políticas públicas consistentes. Ainda nesse prisma, vê-se que o segmento de turismo cultural, por exemplo, exige ainda mais participação popular, devido à necessidade de matéria prima gerada pela produção cultural local.

Na atualidade o turismo cultural, mesmo que seu foco seja manter tradições passada ajuda indiretamente, a cumprir metas de recuperação e afirmação cultural. (...) As comunidades tem orgulho de ter novos equipamentos, novas oportunidades de emprego e de capacitação. (...) A relação entre as gerações quando voluntários jovens trabalham com os mais velhos que estão recuperando tradições que em algum momento foram negadas. (...) o turismo não precisa prostituir integridade cultural e nem se transformar em servilismo. (NICHOLSON apud SÁ, 2007, p.58).

Diante disso, vale trazer novamente o conceito de cultura, importante para o entendimento da ligação direta existente entre turismo cultural e cultura. Já que, “a cultura não existe em seres humanos genéricos, em situações abstratas, mas em homens e mulheres concretos, pertencentes a este ou àquele povo, a esta ou àquela classe, em determinado território, num regime político A ou B, dentro desta ou daquela realização econômica”. (VANNUCCHI, 2002, p.21). Deve-se reconhecer que a complexidade não está na atividade turística e sim na condição humana de não pensar no todo. Isto a torna, apenas, parte da cultura, que não reconhece os verdadeiros atores sociais.

Ampliando este entendimento, pode-se dizer que esta organização dos equipamentos culturais nas localidades que compõem a cidade do Salvador contribui para o turismo sócio-cultural. Isto, pois,

Ele pode ser conceituado como aquele fomentado sócio-politicamente pelo Estado e organizado por entidades da sociedade civil com objetivos claramente definidos de recuperação psicofísica e de ascensão sociocultural dos indivíduos, de acordo com os preceitos da sustentabilidade, que devem estender-se às localidades visitadas. (ALMEIDA, 2003, p.135).

Em Salvador, apesar de existir várias iniciativas comunitárias esta modalidade de turismo ainda é incipiente, visto que é uma prática pouco divulgada, não constando nos roteiros comercializados pelas agências e operadoras que atuam no receptivo local. Entretanto, há que se ressaltar que muitas das comunidades excluídas da economia do turismo local apresentam uma forte carga cultural e desenvolvem atividades, que embora não objetivem a atração de turistas, terminam por se constituir em um forte atrativo, o que as leva, ainda que de forma pouco ordenada, a receberem visitantes oriundos das mais diversas localidades. Em decorrência, essas iniciativas, que poderiam ser mais bem utilizadas pelo turismo da cidade de Salvador, como forma de impulsionar o desenvolvimento das comunidades, encontram-se hoje sub-aproveitadas.

Esses problemas de organização cultural, ordenamento de equipamentos, bem como de políticas públicas culturais, urbanas e de lazer, são latentes, pois Salvador tem uma organização pouco democrática e excludente. Então, a interação fundamental da cultura não ocorre na dimensão coletiva. Basta que se perceba a quantidade de matéria prima para o turismo de base comunitária, que vem se perdendo ao longo do tempo em Salvador. Há uma falta de intercâmbios entre as localidades, os moradores e os recursos culturais. Mas, apesar de todas as adversidades, a cidade é referência cultural para o país. Salvador e, por conseguinte, suas localidades têm a vantagem histórica de ter sido a 1ª capital do país, onde nasceu o Brasil (PORTO FILHO, 2006). Então, vê-se que a relação entre a vocação cultural e a real utilização desse potencial turístico, cultural e de lazer, é insatisfatória, principalmente, por esse favorecimento das áreas nobres, supraexplicados.

Em contrapartida, existem áreas fora do eixo, como a localidade do Cabula, que poderia servi como um novo “recheio” para o turismo me Salvador, porém que só são aproveitadas pelo esforço popular. O fazer cultural no Cabula é prejudicado por esta divisão de eixo tradicional e eixo marginalizado. Enquanto, o eixo tradicional prioriza o fazer cultural, beneficia-se com a concentração de espaços culturais e, contudo da renda, dinamização, articulação gerada pela cultura. Por outro lado, os eixos marginalizados se vêm repletos de matéria prima, iniciativa, pró-atividade, expressões culturais e chances de potencializar o turismo, mas são desestimulados ao longo do tempo por falta de um meio para mostrar.

O pensamento cultural, intrínseco ao homem, é aberto, conduzidos por todos e a todos. A cultura deve ser vista como um bem comum e só, posteriormente, um bem privado. Hoje, pela ausência de equipamentos que atendam a demanda, bem como de políticas culturais, urbanas e de lazer, que beneficiem a todos, as manifestações e expressões culturais

são variadas e aleatórias, marcadas por incertezas e contradições, representando cada vez menos a história dos povos e mais as vontades da minoria. Por consequência, descaracteriza a produção cultural de alguns municípios. Para fomento de uma identidade cultural forte é indispensável recursos culturais para preservar a pluralidade existente, através da preservação e disseminação das crenças, costumes, práticas sociais e ideologias.

3 CABULA: UM DOS “SÍTIOS HISTÓRICOS” DE SALVADOR

O Cabula, local onde se encontra a escola de educação percussiva, objeto deste estudo monográfico, é uma das formas de comprovar a existência de cultura no miolo da cidade. Isto através dessa produção cultural localizada fora do eixo tradicional.

Neste capítulo, ele é considerado um dos “sítios históricos” de Salvador. É importante deixar claro que essa denominação foi utilizada pelo estudo, para fazer referência a riqueza cultural do local. Relaciona-se com as características intrínsecas a ele, como pro exemplo, o fato de ser um centro geográfico da cidade e ter uma relevância histórica para o município. Portanto, a fusão dessas duas características, bem como os dados encontrados nos capítulos seguintes, justificam classificá-lo como “sítio histórico” de Salvador.

Uma das principais carências do local é a falta de equipamentos que permita a fruição cultural existente. O cabula tem como característica marcante, que serão estudadas posteriormente, a forte presença de quilombos na região no período escravagista, que resultou numa presença significativa de terreiros de candomblé nos dias de hoje. Esse fato é uma das justificativas para o local não possuir patrimônio material com características arquitetônicas significativas, como, normalmente, ocorre com os tradicionais sítios históricos. Isso se justifica, pois na época que começaram a surgir os quilombos e os terreiros de candomblé havia a necessidade de serem escondidos e discretos, para que não chamassem a atenção da milícia local. Mesmo assim, ainda que escondidos e discretos esses espaços são fundamentais para reconstrução histórica local. Ele tem valor semelhante ao de qualquer patrimônio material de valor arquitetônico. Por outro lado, mesmo com uma história relevante, não se condicionou a pensar na área como um espaço favorável para existência de equipamentos culturais.

Em contrapartida, em Salvador existe o centro histórico oficial, repleto de monumentos com valor arquitetônico. Este exemplo demonstra que a região tem um valor agregado e visível, no ponto de vista material. Talvez isto justifique a existência de 23% dos equipamentos culturais da cidade. Evidenciando a necessidade de se conhecer a história dos elementos que compõem o município, para que existam equipamentos em locais com potencial para a fruição cultural. Assim, Salvador terá condições de expressar e preservar as produções culturais, que servirão de patrimônio para as gerações futuras.

3.1 ORGANIZAÇÃO LOCAL: UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO

Quem visita o local hoje e conhece a história local, depara-se com uma realidade muito adversa a original. Por isso, logo se pergunta onde está representada a história do país, que o local ajudou a construir? O que fizeram com as grandes fazendas e chácaras que lá existiam? É um local com potencial apenas para a habitação?

Ao longo das décadas, o Cabula sofreu com urbanização desordenada que ocorreu em Salvador. Neste capítulo, serão abordados aspectos da economia local, da realidade comercial e a relação entre eles, através de uma breve caracterização. Esses fatores serão importantes para entender porque o Cabula mesmo estando fora do eixo tradicional tem relevância histórica e cultural.

No início do século 20, mais precisamente, na década de 1940 caracterizava-se pelas exuberantes fazendas e chácaras. Estas produziam diversos frutos, mas o destaque da época era para a produção de laranjas. Nesse período, o Cabula produzia as melhores laranjas do Estado. Por isso, elas receberam o nome de Laranjas do Cabula identificadas assim, pois a qualidade das produzidas chamava atenção dos produtores. Nos dias de hoje, está situado no miolo de Salvador, limita-se ao Norte, com São Gonçalo do Retiro; ao Sul e Leste com o Pernambués e ao Oeste com Pau Miúdo. O Cabula caracteriza-se pelo seu comércio e alto índice de habitações.

A existência de Chácaras na região indicava o tipo de moradia local e a atividade econômica desenvolvida, a agricultura. Além disso, a área era favorável a criação de animais e cultivo de manga. As dimensões desses espaços eram tão grandes que, antigamente, o Cabula era considerado o miolo de Salvador. A região era ligada por vários caminhos, que estão permanecem até hoje como a ladeira do Cabula, Estrada do Cabula e largo do Cabula. As laranjas passaram a ser exportadas para diversas partes do Estado. Isto também pelo fácil acesso, bem como pelo solo favorável e êxito no cultivo das Laranjas. Porém, no final da década de 1940 e início da de 1950 uma praga espalhou-se pelos laranjais e as destruiu de forma irreversível. A partir disso, houve transformações no uso do solo e nunca mais houve tanto êxito no cultivo da laranja. (FERNANDES, 2003).

A partir da década de 1950, ocorre um crescimento urbano significativo no miolo de Salvador. E foi nesse período que os primeiros sinais de mudanças concretas surgiram e transformaram o Cabula no que é hoje. Em 1960, houve transformações no sistema de

transporte, que influenciaram na dinâmica da época. No Cabula tiveram relevância a construção da Rua Silveira Martins e da Avenida Luís Viana Filho, mas conhecida como Avenida Paralela. Estas, somadas a estrada da BR 324 e ao acesso norte da cidade, colocou o miolo numa posição estratégica. Com a criação da estrada velha do aeroporto, a avenida Aliomar Baleeiro, e de acordo com o Plano de ocupação para a área em 1985 foram definidos 4 pólos de ocupação: Região do Cabula, Região de Pau da Lima /EVA, Área de Cajazeira e Área de Mussurunga/São Cristóvão. Estes foram sendo ocupados com a construção de conjuntos habitacionais populares nas áreas que antes eram as antigas chácaras e fazendas. Os serviços básicos de água, por exemplo, só chegaram na década de 1960. (FERNANDES, 2003)

Na década de 1970, de forma mais intensa, ocorre uma série de ocupações desordenadas e auto-construções. Assim, a população carente migra de outras áreas de Salvador ou do meio rural para a região (NUNES; SOUZA, 2007). O resultado disso foi um crescimento acelerado, tanto que em 1970 o miolo já abrigava 7,5% da população e em 1980 salta para 18,75%. Na atualidade, em termos de área, corresponde a 36,74% de toda a cidade e, em termos de população, representa cerca de 28,67% de Salvador. Apesar da sua importância para a habitação ele é uma área pouco conhecida no ponto de vista cultural e histórico. (FERNANDES, 2003).

Por outro lado, está característica natural ligada a natureza, não se perdeu, totalmente. Isto porque, em 1943 foi construída no Cabula a sede do 19º Batalhão de Caçadores. Ela está localizada numa região distante do centro da cidade, para preservar a população. O 19º BC escolheu a região do Cabula, pois além de distante, que favorece os exercícios de tiro sem oferecer risco a população, também tinha uma grande área verde de mata atlântica preservada. Dessa maneira, eles poderiam simular manobras e táticas de batalha. A área corresponde a 2.000.000m² e ultrapassa as imediações do Cabula. Ela foi adquirida por permuta com o Governo do Estado da Bahia que era dono da Chácara Narandiba (FERNANDES, 2003).

A reserva do 19ºBC é uma das poucas áreas preservadas e que remete aos tempos antigos, em que o Cabula tinha papel fundamental na economia local, na formação da identidade religiosa e cultural do país. Esta reserva vegetal encontra-se na área arborizada da Represa do Cascão. Ela já serviu para abastecer a água da cidade e hoje é local de treinamento do 19ºBC. Em 2004, a Empresa Baiana de Água e Saneamento - EMBASA iniciou a coleta de esgoto e iniciou o processo de despoluição da Represa do Cascão. Isto ocorreu,

principalmente, porque é um manancial construído em 1907 pelo engenheiro sanitarista baiano Theodoro Sampaio. A represa com mais de 4,4 mil m² de lâmina d'água íntegra.

É uma área preservada de Mata Atlântica pertencente ao Exército nacional (BAHIA, 2004). Apesar disto, é um valioso ecossistema pertencente, acima de tudo, a comunidade local, que apesar de, segundo o tenente coronel Eudes Carvalho dos Santos, acontecer acampamentos religiosos e caminhadas, ainda é de forma incipiente. Nesta represa há espécies nativas da fauna e flora em extinção. Os animais encontrados são: os peixes, sagüis, raposas, sariguês, sucuris, tatus, gambás, iguanas, bichos-preguiça, 70 espécies de ave e os raros tucanos Araçari. Dessa forma, configuram-se como uma fonte permanente de pesquisa para cientistas brasileiros e estrangeiros. (BAHIA, 2004).

A reserva inspira cineastas e serve de cenário para filmes como já aconteceu no longa metragem norte-americano *O Rei Cobra* (2003) e o curta infantil baiano *Caçadores de Saçi* (2004). Nota-se que a recuperação da Represa Cascão é muito maior do que a sua importância para treinamento militar, já que foi cenário das andanças negras, dos rituais religiosos e das produções de laranja, que colocaram o Cabula entre os principais produtores (BAHIA, 2004). Sendo assim, além da importância sócio-cultural vale destacar essa peculiaridade ambiental na região do miolo de Salvador. Nela, podemos encontrar, em meio a uma urbanização desordenada, formas genuínas da natureza.

Outras construções também contribuíram para que o Cabula se transformasse numa localidade comercial e residencial. Mais uma vez, o Estado também participou desse processo. Isto porque, em 1979 existia o Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA), que posteriormente, tornar-se-ia a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Esta universidade tem 24 campi, o que significa que ela está localizada em 24 municípios, mas a sede localiza-se em Salvador, no Cabula. Isto permitiu que a região crescesse bastante. Até o presente momento, não havia uma quantidade satisfatória de restaurantes, farmácias, estabelecimentos comerciais, shoppings e outros locais que dessem suporte a este novo público (FERNANDES, 2003). Os shoppings que existem no Cabula só se mantêm, porque a Universidade existe. Os estudantes e funcionários da instituição almoçam e fazem compras diariamente nos diversos shoppings existentes. Assim, o administrador geral explicou o dia-a-dia do Shopping Master.

Os shoppings, equipamentos que não são considerados culturais dentro desse estudo, existem em grande quantidade na localidade e funcionam, segundo o gestor do shopping máster, apenas como um espaço para compras e alimentação. Um dos problemas para tal utilização é a forma como eles estão organizados. Há 9 (nove) shoppings, na região,

que estão distribuídos em áreas distintas. Com todos são de pequeno porte, adotam são utilizados como locais para alimentação e para pequenas compras. Então, percebe-se que se estes shoppings fossem concentrados numa só área teriam maior utilidade. Eles todos juntos totalizariam 352 lojas, ou seja, seriam superados apenas pelo shopping Iguatemi, com aproximadamente, 530 lojas (FERNANDES, 2003).

Nesta perspectiva, fica claro que se este estudo considerasse shopping como um equipamento cultural, como faz o Ministério da Cultura, já citado no capítulo 2, o Cabula teria uma concentração de equipamentos culturais. O que não é o caso, pois esses shoppings são, apenas locais de compra e alimentação, como seu próprio conceito, abordado no capítulo 2 enfatiza. Porém, no caso do Cabula eles ainda são mal utilizados, sendo que se houvesse uma concentração desses shoppings em apenas uma região, talvez a população fosse capaz de praticar um lazer de qualidade, com a construção de um cinema, por exemplo. Esses reflexos são sentidos pela população, pois elas carecem de equipamentos culturais que as proporcione produzir, apreciar e propagar a cultura local. A prova disso é que a terceira maior carência detectada, por uma parte da população, são espaços de interação, de lazer, e de cultura. De modo que, para a maioria, ir a praia e ver televisão tornam-se as únicas formas de diversão.

Esse quadro supracitado incentiva formação de núcleos alternativos para o exercício cultural. Porém, algumas vezes esses exercícios são transgredidos pela condição social da própria sociedade. Os jovens, por exemplo, tornam-se alvo fácil da marginalidade. Isto porque, sem opção de lazer, de cultura e com recursos financeiros limitados acabam por envolver-se numa realidade transgressora.

Entender a história dessa localidade é importar-se com o caráter cultural que foi perdido ao longo do tempo na medida em que a cidade foi crescendo. Em pesquisa de campo realizada de dezembro (2009) a fevereiro de (2010) percebeu-se a manifestação cultural presente todo o tempo na vida daquelas comunidades. Eles buscam constante afirmação do seu potencial artístico através de demonstrações legítimas de pertencimento a sua história.

Na tentativa de mostrar, que mesmo marcados por condições adversas e sendo segregado culturalmente. A escola de educação percussiva desenvolve um trabalho de arte e educação, para retirada desses jovens, em vulnerabilidade social, das ruas. É necessário criar o hábito de fazê-los legítimos da sua própria identidade cultural.

3.2 AS TRADIÇÕES AFRICANAS NO CABULA

Num primeiro momento, diante do exposto no capítulo anterior, imagina-se que as localidades que formam o miolo da cidade tem um caráter residencial. Em linhas gerais, isto é verdade, porém uma investigação mais detalhada, permitiu descobrir o valor do Cabula para a formação da identidade cultural da cidade. Por conta disso, vamos significar o Cabula, para além das suas característica residenciais. Trata-se agora de um local histórico e cultural. Para começar, consideraremos a origem do seu nome, com várias interpretações ligadas a formação da cultura negra no país.

O termo Cabula tem origem no idioma Bantú falado numa região que se estende entre os atuais países do Congo e Angola. O termo significa mistério, culto religioso, secreto e escondido. (FERNANDES, 2003). Cabula é também o nome pelo qual foi chamada, na Bahia, uma religião sincrética. Com o fim da escravidão, no final do século XIX, ela passou a ser conhecida com caráter secreto e de fundo religioso. Na época da escravidão, houve um sincretismo afro-católico, principalmente nas áreas rurais da Bahia e do Rio de Janeiro, denominado Cabula. Ela refere-se aos rituais negros mais antigos, envolvendo imagens de santos católicos sincretizados com os Orixás, herança da fase reprimida nas senzalas dos cultos africanos, onde os antigos sacerdotes mesclavam suas crenças e culturas com o catolicismo, para conseguirem praticar e perpetuar sua fé (NICOLIN, 2007).

No final do século XIX ocorre a libertação dos escravos, a religião Cabula já era amplamente presente como atividade religiosa afro-brasileira. Na época, o ritual deveria ser mantido em segredo. Era como uma lei para não ser desobedecida nunca pelos seus adeptos. Há inúmeras histórias de adeptos da cabula presos e torturados pela polícia, mas que jamais revelaram os segredos de seus rituais. A longevidade da cabula ocorreu, inclusive, por conta desse pacto da sociedade negra para com a sua religião. (NICOLIN, 2007).

Havia várias perseguições à cabula, que vinham desde a época que ela era um culto velado. Pois, na época da escravatura, era usada pelos negros com força revolucionária nos seus confrontos com fazendeiros. Era também um ritual para combater os inimigos com feitiço, executando, constantemente, líderes escravagistas, especialmente aqueles que perseguiram os negros fugidos da senzala. Era um instrumento de luta manejado por um guerreiro invisível e intangível. Por conta disso, aconteciam impiedosas matanças de feiticeiros, conhecidos na região como cabuleiros. Essas sucessivas matanças extinguiram,

literalmente, a cabula, cujo segredo do ritual não chegou a conhecer, pois os cabuleiros eram muito fiéis a religião. Ou seja, a cabula acabou, mas levou consigo todos os seus segredos, pelos quais combateram diversas gerações das elites rurais do Estado. (RAIZ CULTURA, 2008).

Atualmente, ainda há reflexos de todos esses fatos na localidade. A forte presença de terreiros de candomblé e produções culturais demonstra que a densidade dos cultos negros e a presença da África no Brasil ainda são pertinentes e pouco valorizadas em localidades fora do eixo tradicional da cidade. Nesta região, localizou-se diversos quilombos, em áreas que hoje vão desde a rótula do abacaxi, passando por pernambués, chegando a área do Cabula. (LUZ, 2000). Podemos destacar o Quilombo do Cabula, famoso pela sua importância nos acontecimentos revolucionários da época. Este quilombo, assim como todos os outros existentes na cidade, influenciou na preservação da raça negra e dos cultos formadores da identidade religiosa do país. Isto porque surgiram no período da escravidão e se fizeram presente até o fim dela. Os negros eram livres naquelas aldeias dentro do mato. Espalhados pelo Brasil inteiro, os quilombos foram lugares de igualdade entre os negros. (SODRÉ, 2002).

Isso significa que o Cabula foi ponto de convergência para os negros, que ali realizavam seus rituais, cultos, tocavam os seus ritmos e pensavam em como se defender do sistema escravista. Apesar das rebeliões acontecerem, principalmente, nas áreas que hoje estão localizadas Mares, Plataforma, Cajazeiras, Itapuã e Brotas. No Cabula, sobretudo, partiam as principais defesas e planos para fuga. Este quilombo era conhecido pelo seu relevo montanhoso, com inúmeras depressões e pela riquíssima e densa Mata Atlântica. Dessa forma, favoreciam os esconderijos, as elevações permitiam construir vigilância e proteção territorial (SODRÉ, 2000). Essas características geográficas eram pontos positivos na época, que ainda podem ser percebidas até hoje, como por exemplo, a inclinação da ladeira do Cabula.

O Cabula foi povoado por povos indígenas e de origem africana. Eles encontravam os refúgios necessários na vegetação densa e no relevo íngreme. A migração para esses espaços acontece a partir do século XVI, quando começa a colonização do Brasil. Os povos que primeiro habitaram a região os índios tupinambás, seguidos dos africanos que se protegiam da escravidão mercantil. Houve uma luta pela libertação africana, muito intensa nesta área. Além disso, o mistério da caçada e o conhecimento da caça eram habilidades desenvolvidas pelos africanos que ali habitavam e isto facilitou a vida dos ancestrais africanos (REIS, 2003).

É importante registrar que essa forma de se proteger, através dos quilombos, em áreas de difícil acesso, não se iniciou na região do Cabula. Isto porque, a origem vem da África, do reino Matamba. A rainha angolana Nzinga foi fundamental nessa conjuntura, pois “foi quem criou este tipo de segurança militarizada para proteger seu reino da invasão portuguesa. Nos quilombos na África, Nzinga reinava em acampamentos protegidos por densas florestas, deste lugar comandava tropas contra os portugueses no século XVII.” (LUZ, 1995). Mesmo com todas essas estratégias, que vinham da África, a rainha Nzinga não conseguiu impedir que o sistema escravista fosse responsável por coisificar o seu povo. (INSTITUTO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA, 2007)

Em entrevista com membros do Terreiro de Candomblé em Janeiro de 2010, ele afirmou que os ancestrais de origem Banto foram os primeiros a chegarem na Bahia, em Salvador, no final do século XVI. Eles foram distribuídos nas lavouras de cana de açúcar, em diversas partes, como no recôncavo baiano e nas aldeias existentes em Salvador. No século XVIII foram trazidos os jejes, poucos habitaram a Bahia, os nagôs e os povos iorubas. Já no início do século XIX chegaram grande contingente de Nagôs de várias etnias à Salvador. As origens étnicas eram diversas, como oriundas de Ketu, Ijexá, Ijebu, Sabe, Oyó, Egba, Egbado.

Com o tempo eles se rebelaram e formaram, nas matas de Salvador, como no Cabula, territórios de quilombos, alguns eram guerreiros que lutavam, em África, contra a colonização (LUZ, 1995). Pode-se afirmar que foram nos quilombos formados aqui na Bahia, mais especificadamente em Salvador, que os ancestrais africanos recriaram a África na Bahia. Sendo assim, é muito importante que Salvador preserve em si seus valores civilizatórios. O Cabula, por exemplo, é uma representatividade esquecida em meio a tantas outras prioridades do fazer cultural na cidade.

É importante que cada localidade possa despertar a consciência do ser baiano, ou melhor, mais do que isso é necessário que haja um pertencimento a esta história velada, perdida e desvalorizada ao longo do tempo. Compartilhar a existência dessa pluralidade faz diferença para o indivíduo. O seu local de moradia deixa de ser apenas um lugar onde a sua residência está localizada. Inicia-se um processo de uma extensão da sua condição cultural, do seu conhecimento científico e social. Quantas pessoas de origem africana existem na localidade do Cabula, que tiveram seus ancestrais lutando para a formação da cultura brasileira? São inúmeras e a prova disso é este trabalho que comprova, através dos fatos levantados, que existe cultura além da que se propõe o eixo tradicional da cidade.

A democracia cultural, aqui representada pela distribuição dos equipamentos ligados as linguagens artísticas, em uma sociedade plural é muito difícil, principalmente,

quando não há uma pesquisa aprofundada sobre o assunto. O que se sabe hoje em Salvador, através da educação formal, do senso comum e das produções artísticas representativas é que escravidão e cultura negra estão ligados, quase que inteiramente, ao centro histórico da cidade. Ao longo deste trabalho, nota-se que Salvador é mais que isso. Isto não significa dizer que o Centro Histórico, mais especificadamente, o pelourinho não tenha o seu valor. Porém, o que dizer sobre os acontecimentos históricos relatados a seguir, como o da sacerdotiza Nicácia, que não ocorreram nesta referida região.

Ela era uma sacerdotisa de prestígio na época, tinha conhecimentos dos cultos africanos e residia na região do Cabula. Ela, pelo prestígio que tinha, era perseguida pelos policiais da milícia local. Naquele período, os negros eram, terrivelmente, violentados e perseguidos, principalmente, nas suas casas de culto, onde se fortaleciam como raça negra. O Governador da Bahia da época mandou prendê-la, alegando que ela estaria excedendo seu papel de sacerdotiza. Foi trazida do Cabula, com grande acompanhamento, seguida por muitos negros. Ao chegar à Polícia, no centro da cidade, ela foi exposta ao escárnio público, mesmo sendo aleijada e idosa. Nicácia faleceu em 14 de março de 1807 (REIS, 2003).

Este fato é simbólico, principalmente, para quem tem relação com o Candomblé, principalmente, porque ela era uma senhora e com um defeito físico na perna. Nesse período, iniciou-se grande campanha de repressão aos candomblés e quilombos nos arredores da capital, principalmente, na região do Cabula, de onde saíam planos para enfrentamento, e no Recôncavo dos engenhos. Sendo que, a perseguição aos cultos afros aconteceu durante quase todo o século XIX na Bahia. (REIS, 2003).

Isso ocorria, pois os negros praticavam rituais desconhecidos pelos europeus, que os amedontravam. Na parte baixa do Cabula, por exemplo, hoje região dos barris e rótula do abacaxi, suas matas eram utilizadas pelos sacerdotes quicongos, mais conhecidos como zeladores de nkisi (força mágica uma divindade). Ainda na parte baixa do Cabula, que se estendia até o local, ainda hoje chamado de Ladeira do Bozó. Nome dado pelos feitiços e bruxarias que existiam no local, onde havia um gigantesco pé de Iroko. Ali todos deixavam seus bozós, ebó e suas oferendas, quando prometiam algo a iroko. Atualmente, é o local que localiza-se o terreiro mais antigo do local o Ase Opo Afonja, fundado e plantado em 1910 por Oba Biyi (Eugênia Ana dos Santos, Aninha) (NICOLIN, 2007).

Muitas tradições africanas foram preservadas e são praticas até hoje nos terreiros de candomblé. Os principais terreiros de candomblé praticam até hoje as relacionadas ao orixá Iroko. Ele é considerado pelo candomblé como a sua primeira árvore plantada. É mais antiga que o mogno, o pé de obi e o algodoeiro. Na mais velha das árvores de Iroko, plantada na

parte baixa do Cabula, morava seu espírito, capaz de magias. É um Orixá pouco cultuado no Brasil, que vive na árvore que existe nas matas e roças de candomblé. Ele representa a ancestralidade, nossos antepassados, o seio da natureza e a morada dos orixás, desrespeitá-lo significa desrespeitar sua dinastia, seus avós, seu sangue. (NICOLIN, 2007).

Ainda em entrevista para este trabalho, o representante do terreiro Lua Cheia diz que no Brasil, o Iroko foi substituído pela gameleira-branca, árvore que apresenta características semelhantes. É nesta árvore, que fica acentuado o caráter reto e firme do orixá, pois suas raízes são fortes, firmes e profundas. Portanto, as árvores existentes nos atuais terreiros de candomblés do Cabula guardam a ancestralidade africana, que por anos se fez presente e que hoje inspira muitas manifestações culturais da localidade.

Foram através dessas tradições misteriosas, que o candomblé, tão simbólico conseguiu sobreviver ao longo dos tempos. Hoje, é uma das religiões, culturas e tradições mais preservadas, que existe na Bahia. É importante salientar que, o relato, neste capítulo, do que ocorreu com a sacerdotisa Nicácia, no século XIX, representa o que foi a vida dos negros que habitaram a região do Cabula. Além disso, traz consigo, também, a importância da figura feminina na constituição dessa religião.

Vale acrescentar que “o primeiro registro baiano da palavra candomblé, designando um local de culto africano foi em 1826, em um documento policial que se referia precisamente a um terreiro no Cabula”. (FERNANDES, 2003, p. 169). Como reflexo de tal dado, pôde-se perceber ao longo da pesquisa de campo a presença significativa de diversos terreiros de candomblé. Vê-se, por conseguinte, que o Cabula contribuiu, significadamente, para a formação das religiões de matrizes africanas em Salvador. Hoje não há um reconhecimento disso, por parte de quem gerencia a cidade.

A prova disso foi dada na pesquisa de campo realizada em Dezembro de 2009. Nela os gestores culturais da SECULT e FUNCEB afirmaram que não existe um critério ou a necessidade de uma relevância histórica para se construir um equipamento cultural numa localidade. O que ocorre algumas vezes é a influência política, já que vereadores, por exemplo, direcionam orçamentos para tal fim sem nenhuma justificativa plausível. Enquanto isso, comunidades fora do eixo tem importantes projeto de relevância sociocultural, que não são contemplados por não haver um planejamento direcionado a áreas populares de relevância cultural.

3.3 REFLEXÃO SOBRE A FALTA DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS NO CABULA

Salvador é atingida, diretamente, com esta falta de planejamento na distribuição de seus equipamentos culturais. O Cabula, local importante para as tradições africanas na Bahia e para o fortalecimento da raça negra na cidade, carece de reconhecimento suficiente para ter equipamentos culturais, que possam contemplar a sua história e valorizar as produções culturais existentes. Em pesquisa de campo, os setores responsáveis por gerir a cultura na cidade, afirmavam não fazer idéia do que estava sendo dito sobre o Cabula. O conhecimento sobre a história da cidade parece ser limitado e determinado pelo o que o mercado está interessado em adquirir. Há uma falta de informação, por parte de quem pensa a cultura no município. Salvador, como pólo cultural, deveria está sempre investindo em pesquisa e, conseqüentemente, em fomento a produção artística e cultural.

Na cidade há uma concentração de equipamentos culturais, causadora de uma dicotomia cultural. Isto porque, formado o eixo tradicional, forma-se também o eixo intelectual, daqueles que ditam a cultura e dizem o que será consumido no mercado cultural. Assim, limita-se, cada vez mais, a elite cultural a contribuição para definir o que é tendência cultural na cidade. Esses pequenos grupos elitistas estão presentes, também, nas universidades e, portanto, são os que conceituam todos os desdobramentos da cultura. Desse modo, ter um eixo tradicional na cidade vai além da organização espacial dos teatros, das salas de exposições, dos espaços para eventos e outros. Interfere na construção dos pensamentos culturais e, conseqüentemente, no que será absorvido pelo mercado como produto.

O resultado disso é um ciclo vicioso, pois esses conceitos formados pela elite cultural, nas principais universidades e instituições de ensino, acabam afastando a maioria das pessoas do que também poderia ser cultura tradicional. Enquanto isso, aquelas pessoas que produzem a cultura popular, nos seus eixos marginalizados, reproduzem esses mesmos conceitos criados pela elite em perceber. Isto porque, a falta de equipamentos culturais, por exemplo, faz com que eles não tenham subsídios suficientes para a produção cultural. Outra conseqüência é a reprodução do que se passa na televisão, como ocorre no Cabula, pois não há outras fontes de cultura. Em pesquisa de campo, no período de Janeiro de 2010, foi constatado que com o tempo, muito dos que insistem em produzir cultura em meio a isso tudo se desestimulam, já que, muitas vezes, pela falta de subsídios, não há qualidade e nem

reconhecimento do seu trabalho. Além disso, muitos precisam trabalhar, pois são vítimas da exclusão social.

Há também casos em que a população fora do eixo tenta se inserir. Mas, logo desistem, porque em Salvador, nos finais de semana a frota de ônibus reduz (NUSSBAUMER; RATTES, 2006). Então, sair do miolo da cidade e seguir em direção ao eixo tradicional é difícil, pois os espetáculos começam em torno das 20h e após esse horário retornar para casa de ônibus é perigoso, devido ao acesso e a violência.

O ciclo vicioso, então, forma alienados culturalmente, que demonstram a incapacidade que a sociedade tem de promover a integração de certos segmentos. Este grupo evidencia a exclusão sócio-cultural, a opressão e a manipulação dos segmentos menos poderosos da sociedade (REIS, 2008).

Em pesquisa de campo, alguns gestores culturais achavam que a melhor alternativa é potencializar espaços nessas áreas fora do eixo, como escolas, praças. Esta opção é interessante, porém não atende por completo as necessidades de determinados municípios. Na região do Cabula concentra-se muitas escolas de ensino médio, por exemplo. Se estes espaços fossem potencializados, poderiam resolver parte do problema. Mas, não seria a forma ideal de reconhecer o potencial daquela localidade. Isto porque, para produzir cultura é necessário um aparato ideal e não ações emergenciais, para suprir necessidades históricas. É importante dizer, que se para um cientista é fundamental um laboratório com todos os instrumentos ideais, a fim de descobrir curas para sociedade. Então, porque para o produtor cultural potencializar um espaço, que não foi criado para isso, é a melhor solução?

Nesse contexto, fica a dúvida de como se beneficiariam as gerações mais antigas, com essa solução. O Cabula, com uma forte ligação com o candomblé e com o movimento negro, tem diversos multiplicadores da cultura já com a idade avançada. Portanto, as escolas, praças, quadras, bares e outros do mesmo gênero, não seriam as melhores opções. Como ficariam as anciãs da irmandade da Boa Morte se a sua sede fosse numa escola de ensino infantil? Ou ainda, Dona Dalva, do samba de roda de Cachoeira, se sua sede fosse numa praça pública?

Dito isto, cabe insistir que a região poderia ter sua cultura pensada para um desenvolvimento consciente capaz de incrementar a matriz histórica da cidade. Vale lembrar que os terreiros da região, constituem-se não somente da celebração de cultos, mas também de moradia e espaços sócio-educativos, nos quais são desenvolvidas atividades em benefício das populações que vivem em seu entorno. Isto, muitas vezes, é reflexo dos dados que foram

levantados nesse estudo. Salvador concentra 47% dos equipamentos culturais, que trabalham com as linguagens artísticas, num eixo da cidade.

Nesse caso os terreiros adotam alternativas emergenciais. Pois, a utilização de terreiros de candomblé como espaços para escolas, apresentações, expressões religiosas e outros deveria ser apenas uma alternativa a mais. Os terreiros de candomblé têm uma densidade religiosa, cultural e sagrada que precisa ser respeitada. É necessário entender a fruição cultural das comunidades como algo sério e importante para a sociedade. Na prática não é dada a devida importância às manifestações existentes no Cabula e em diversos outros lugares. Em contrapartida, é a localidade que tem responsabilidade na formação do Candomblé e da Umbanda. Por tudo isso, esses espaços sociais deveriam ser apresentados à sua comunidade e interagir com as várias ações culturais e comunitárias existentes.

Enquanto isso não acontece, a especulação imobiliária já atinge o Cabula. E as poucas áreas verdes que existem no local estão sendo sacrificadas. Os terreiros de candomblé, por exemplo, têm matas e árvores integradas às suas paisagens. Porém, a especulação imobiliária tem destruído as áreas verdes de territórios urbanos. Em virtude disso, essas áreas favoráveis a esta prática vêm diminuindo ao longo do tempo. A preocupação é que as áreas de terreiros, ou de seus usos, onde ainda há reservas de mata atlântica, sejam extintas. Em consequência, estes poucos espaços restantes, que comprovam e preservam a memória histórico-cultural do local, podem desaparecer.

Em longo prazo, essa especulação pode atrair a classe alta, visto que as atuais construções são caras e atendem a este público. Quando isso acontecer, provavelmente, serão construídos espaços culturais para atender essa parcela da população. Isto porque, a elite prefere ficar próxima aos símbolos da cidade, como acontece no eixo tradicional em locais como a Barra, Vitória e tantos outros. Porém, em paralelo a isso, há diversas produções culturais a fim de reverter essa situação. Desse modo, elas produzem cada vez mais os costumes, as crenças e as histórias locais. É o caso da Escola de Educação Percussiva Integral, localizada no Cabula e representante, neste trabalho, da produção cultural existente no local.

4 ESCOLA DE EDUCAÇÃO PERCUSSIVA INTEGRAL: CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO

Vale ressaltar, que o presente capítulo será importante para caracterizar a produção cultural da Escola Percussiva e discutir sua relevância, sob a perspectiva da falta de equipamentos culturais no Cabula. O objetivo é salientar a necessidade de espaços voltados para a cultura numa localidade. Todavia, neste capítulo serão apresentados os principais acontecimentos da trajetória do projeto, que o diferencia de outras iniciativas nesse mesmo contexto. Visto que, mesmo com a incipiência de espaços, suas expressões artístico-culturais crescem e se fortalecem dentro da comunidade. Considerando, então, que a falta de equipamentos culturais no Cabula dificulta, mas não a impede de contribuir para a cultura local.

Para a construção desse presente capítulo e para cumprir tais objetivos foi necessária visitas a sede da Escola de Educação Percussiva. Houve o acompanhamento de algumas atividades da escola como os ensaios, as apresentações e aulas de percussão e dança. Para complementar foram feitas entrevistas semi-estruturadas com o idealizador do projeto, o músico Wilson Café, o coordenador pedagógico Claudston Nunes e alguns professores da referida instituição.

Antes de discutir o potencial das iniciativas culturais da Escola de Educação Percussiva Integral, faz-se necessário conhecer a origem dessa história. Relatada em fevereiro de 2010, pelo idealizador do projeto, como parte da pesquisa de campo. A iniciativa partiu de Wilson Café, músico e percussionista. Envolvido desde a sua infância com a música percussiva, acompanhava os ensaios do bloco de música da família. Desde aquela época, esses blocos já encontravam dificuldades para ensaios.

Ele cursou licenciatura em Música na Universidade Federal da Bahia, mas não conclui para seguir a carreira popular. Ele tem experiências profissionais, como percussionista do Asa de Águia, de Tânia Alves, Maria Bethânia e outros artistas. Morou fora do País e nesse período adquiriu um conhecimento maior sobre o ramo. No retorno ao Brasil sentiu a necessidade criar um projeto sociocultural. A partir daí, inicia-se a história da Escola de Educação Percussiva Integral. Dentre os fatores determinantes para a concepção do projeto, a presença significativa de afros descendentes na nossa população foi um deles. O intuito era tornar a história desses descendentes mais presentes no processo de formação social dos

habitantes da cidade. Além disso, outro fator foi desigualdade sócio-econômica que tem como resultado o ingresso de crianças e jovens no mercado trabalho.

Para evitar que as crianças e os jovens lutem cada vez mais cedo pela sua sobrevivência, por meio do trabalho nas ruas ou no campo. A escola percussiva foi concebida para lhes dar o direito á cultura, arte, educação, crescimento pessoal e convivência familiar.

O projeto foi implantado em 2003 e a sede, que hoje funciona a Escola, era uma associação, que não se sabe o que fazia na época, oferecida a Wilson Café para o desenvolvimento do trabalho social que idealizava. A aspiração do projeto sempre foi trabalhar com jovens em situação de risco social, oferecendo a educação básica, com a Arte e a Educação como os pilares fundamentais do trabalho.

Wilson Café, ainda em entrevista, diz que teve diversos apoios para a realização do seu projeto na localidade do Cabula. A Mãe Stella de Oxossi, que cuida do terreiro Ilê Axé Opó Afonjá, contribuiu para essa idealização. Isto, pois, ela já desenvolvia um trabalho social na região. Destacava-se pela relevância religiosa do seu terreiro de candomblé e por preservar as tradições africanas cultuadas na localidade desde o século XIX.

Isto posto, nota-se que existe ligação entre a história antiga do local, discutida no capítulo 3, com as manifestações culturais existentes, nos dias de hoje. Wilson Café afirma que já tinha conhecimento sobre a história do Cabula. Porém, isso não foi fator determinante para a escolha do local como sede do projeto. Ocorreu que, ao longo do tempo, isto se tornou importante, devido às relações estabelecidas com outras manifestações do mesmo gênero que existentes no local.

As atividades desenvolvidas pelo projeto são vinculadas a música, teatro, dança, esporte, grafite. Estes são associados a conteúdos como a histórica da África, a formação do Brasil, a importância da música e muitos outros. São 800 metros quadrados de área, com duas salas para oficinas, salas de aula, mini biblioteca, informática, estúdio de gravação, setores administrativos e de assistência social.



Foto 1: Ensaio do grupo de dança afro
Fonte: SILVA, 2009

O projeto oferece oportunidades para aprender a tocar instrumentos de percussão, bem como fabricá-los de forma artesanal. Tudo a partir de sucatas, latas, lonas, papelão e outros de materiais de baixo custo, desenvolvendo suas habilidades artísticas e criativas. Aprender a utilizar a percussão de forma harmônica é uma das principais fontes de incentivo, para que eles possam superar as dificuldades enfrentadas. É uma forma de distanciá-los do ambiente pouco produtivo em que vivem e permitir benefícios, como o desenvolvimento do senso crítico, artístico e profissional.

Dentro dessa perspectiva, os jovens adquirem repertório para entender os acontecimentos culturais da cidade onde eles vivem. Com essas oficinas e práticas de música, desenvolvidas pela Escola Percussiva, buscar-se estabelecer uma filosofia artística interligada com a formação étnico-cultural dos alunos, fortalecendo seus valores como cidadãos, bem como resgatando a cultura local por meio das manifestações proporcionadas pelos ritmos como o coco, a embolada e o maracatu, atualmente, pouco valorizados.

Em contato com essas produções, o aluno pode exercitar suas capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas, e imaginativas, organizadas em torno das aprendizagens artísticas e estéticas. Ao mesmo tempo, seu corpo se movimenta, suas mãos e olhos adquirem habilidades, o ouvido e a palavra se aprimoram, enquanto desenvolve atividades nas quais as relações interpessoais perpassam o convívio social (BRASIL, 1997, p.114).

Esses objetivos só são atingidos, também, pois existe uma interdisciplinaridade entre as disciplinas oferecidas e um acompanhamento do desenvolvimento desses jovens. Os alunos ficam na Escola de Educação percussiva durante 2 (dois) anos, totalizando 4 (quatro) semestres. Durante esse período são oferecidas várias matérias que se organizam intercaladamente, com disciplinas da educação básica e as de educação para a arte e cultura. As aulas são ministradas em 3 (três) dias da semana, na terça, quinta e sexta. No início de cada semestre escolhe-se um tema relacionado à arte e cultura para que ele possa ser o regente

daquele período. Serão usados como base para as palestras, estudos e discussões ao longo da jornada. Na sede ainda há, também, um acervo que conta com livros doados pela comunidade e por vários outros segmentos da sociedade.

O coordenador pedagógico Claudston Nunes, em depoimento em dezembro de 2009 explicou a dinâmica de cada semestre. Sendo que, no 1º (primeiro) estuda-se música teórica, música prática, dança, capoeira, esporte, informática, português e matemática. O 2º (segundo) ensina música teórica e prática II, dança, grafite, teatro, informática, português e matemática. No 3º (terceiro) são trabalhadas a música teórica e prática III, dança, conhecimentos gerais, informática, graffiti, matemática, português, solfejo, confecção de instrumentos e formação de bandas. Por fim, o 4º (quarto) e último semestre são estudadas música teórica e prática IV, artes plásticas, informática e multimídia, conhecimentos gerais, comunicação (cinegrafia, edição de áudio e vídeo), oficina de texto jornalístico e técnico de áudio.

Nesse contexto, o projeto já atendeu mais de 150 alunos que tiveram uma formação técnico-musical qualificada. Desse modo, a escola percussiva amplia o acesso dos adolescentes ao mercado de trabalho. Dentro de um cenário concorrido ela visa aperfeiçoar-se para se tornar um centro de iniciação musical, com formação técnica, priorizando o estudo de instrumentos, como percussão, e sua fabricação artesanal. Tudo isso, proporciona a integração dos alunos, transformando-os em sujeitos aptos ao exercício de sua cidadania e elevação de sua auto-estima étnico-cultural.



Foto 2: Ensaio dos jovens percussionistas estúdio da Escola Percussiva.
Fonte: SILVA, 2009

Com o intuito de motivar ainda mais os alunos, a escola tem um projeto chamado de “Sexta da arte”. Nele, Wilson Café utiliza do seu conhecimento no meio artístico, para convidar profissionais da música, que são exemplos de incentivo para esses jovens. Então, músicos como Tonho Matéria, Denny e Ninha passam à tarde com eles para que possam fazer perguntas e perceber os efeitos positivos de projetos como os que eles vivem.



Foto 3: Sexta d'art com Denny da Banda Timbalada

Fonte: SILVA, 2009

Ações como a “Sexta da Arte” são muito importantes, pois a concorrência com a criminalidade, por exemplo, enfrentada pela Escola de Educação Percussiva Integral é difícil de ser vencida. Os jovens, em situação de risco, têm dificuldades de saírem completamente do universo criminal. Há registros de algumas evasões que correspondem a esta realidade. Então, o trabalho de motivação é sempre prioridade, bem como a postura rígida da instituição e dos seus gestores.

Um dos atuais focos do projeto é o desenvolvimento de uma TV e Rádio WEB para a comunidade. A idéia é ter mais um segmento cultural para inserção dos jovens. A TV será utilizada para fazer cobertura de acontecimentos nas comunidades circunvizinhas, assim como de assuntos relacionados a arte, cultura e educação. Já a rádio comunitária trabalharia da mesma maneira. O seu conteúdo, além de postado na Web, seria disponibilizado para as escolas locais e até mesmo para outras rádios que se interessem. Nesse intuito, os alunos já estão sendo preparados com disciplinas relacionadas à edição de áudio e vídeo e textos jornalísticos.

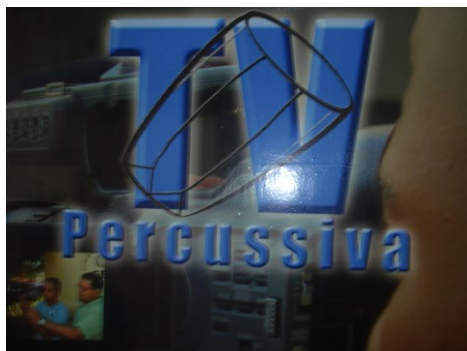


Foto 4: Plotagem TV percussiva
Fonte: SILVA, 2009

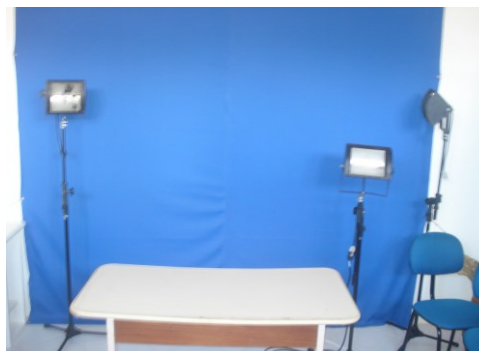


Foto 5: Estúdio de TV improvisado
Fonte: SILVA, 2009



Foto 6: Plotagem Rádio Percussiva
Fonte: SILVA, 2009

Podemos assim considerar que o trabalho de arte, cultura e educação da escola percussiva é consolidado e fundamental para o contexto em que ele está inserido. A desvalorização desse tipo de ensino ao longo da história da educação brasileira contribuiu para a idéia de que os trabalhos artísticos oriundos dos projetos sociais não sejam vistos com seriedade, como salientou o idealizador da Escola de Educação Percussiva, Wilson Café. Assim, entende-se que essa desvalorização é fruto de um processo histórico, uma herança da nossa colonização, ora concebida como um trabalho manual ora como acessório cultural de refinamento da elite intelectual. Essa desvalorização da Arte e de seu ensino está vinculada, também à idéia da arte não ser considerada uma forma de conhecimento (BIASOLI, 1999).

Essa desvalorização cresce ainda mais quando se trata das produções fora do eixo tradicional da cidade. Porém, mesmo com a falta de equipamentos culturais, durante esses 7 (sete) anos a escola percussiva deu subsídios aos alunos para que tivessem a percepção de si e dos outros, através da arte, cultura e educação. Estes 3 (três) elementos foram responsáveis por uma relevante eficiência, na comunidade do Cabula. Isto porque, foram utilizados como método de ensino no projeto, preenchendo a lacuna existente pela falta de espaços. Eles

utilizados como instrumento de trabalho, fazem um papel regenerador e de sensibilização cultural.

Nota-se que, mesmo não existindo um espaço para o fluxo dessa produção, o projeto oferece subsídios àquela comunidade através da boa formação dos jovens. Vale salientar, que apesar do bom desempenho da escola, fora do eixo tradicional, a presença de equipamentos culturais seria benéfica para a consolidação dessa manifestação na comunidade. Haveria oportunidades de socialização entre outras iniciativas comunitárias e a possibilidade, cada vez maior, de profissionalização dos envolvidos com cultura, como foi explicado no capítulo 2 (dois).

A Escola de educação percussiva demonstrou, com os fatos expostos, que seu trabalho sociocultural é compreendido de forma autônoma por parte de quem o administra e pela própria comunidade. A prova disso é que ao longo dos anos, faz um trabalho diferenciado e distanciou-se da idéia de dependência dos equipamentos culturais da cidade, para sobreviver.

Sabe-se que a distância entre a escola percussiva e os espaços consagrados, por exemplo, os faz enfrentar diversas dificuldades, portanto essa autonomia é necessária. Algumas vezes, é difícil assinar algum contrato para apresentação, visto que o contratante, por vezes, não disponibiliza os meios necessários para a realização de determinado espetáculo. Tendo em vista a discussão anterior, vê-se que posturas como essa confirmam que a maioria das pessoas ainda não vê o projeto social com seriedade.

Segundo entrevista de Wilson Café, o transporte, por exemplo, é um desses meios necessários e não disponibilizados. Nesse prisma, deslocar-se com esses jovens para locais muito afastados é uma medida evitada, já que em Salvador nos finais de semana a frota de ônibus é reduzida em 50% e os índices de violência aumentam nas áreas populares. Em seus projetos de captação de recursos, por vezes ele inclui vale transporte, mas sempre é vetado. A insistência nesses benefícios é porque existem quem moram às 1h15min do projeto e muitas vezes não podem comparecer. Isto, pois, sem dinheiro de transporte eles andam e se arriscam. Por essas é que o projeto tem períodos de evasão durante seu semestre.

Durante toda a sua existência esse é um dos problemas enfrentados, constantemente e que ainda não tem previsão de ser resolvido. Em entrevistas, gestores da Fundação Cultural, bem como da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia afirmam que a concentração é um problema histórico de formação da cidade e, portanto de difícil resolução. Enquanto isso, ações culturais e comunitárias, como as em questão, vão se esvaindo na

medida em que os problemas oriundos da modernização, como trânsito, violência e especulação imobiliária, aumentam.

Associado a isso, a falta de orçamento e equipe técnica da gestão cultural pública intensifica a formação de um eixo cultural. Em longo prazo, isto pode transformar a formação de diversos outros eixos tradicionais. A cidade não terá capacidade de circular, satisfatoriamente, seus bens culturais. À medida que ela cresce a preocupação deveria ser em desfazer esses eixos. Senão, com o tempo, haverá formação de novos, enquanto isso as camadas populares ficarão mais afastadas e a possibilidade de aproximação cultural diminuirá.

Ainda nessa perspectiva, vale ressaltar a análise do coordenador pedagógico do projeto. Ele diz que atribuir ao processo histórico à concentração de equipamentos culturais na cidade é uma posição cômoda. Pois, acredita que um teatro é construído no centro, propositalmente, para excluir as camadas populares. Assim, com o tempo, eles passam a acreditar que não gostam de teatro, por nunca terem freqüentado. Porém, o que acontece é um desconforto em participar de um ambiente em que nunca tiveram familiaridade, e que, conseqüentemente, não sabem se comporta.

A Escola de Educação Percussiva Integral já se apresentou no Teatro Castro Alves, equipamento cultural referência nacional e palco de espetáculos importantes. Porém, isto não ocorre com freqüência, o que não pode ser caracterizado como uma inserção representativa desse tipo de produção cultural no eixo tradicional. Nesse caso, isto afirma o trabalho consistente desenvolvido pela Escola Percussiva, que mesmo de forma incipiente consegue se inserir no mercado cultural.

4.1 AS PRINCIPAIS PARCERIAS: O PODER PÚBLICO E A COMUNIDADE

A Escola de Educação Percussiva Integral é um projeto social que enfrenta as dificuldades financeiras e a falta de apoio concreto do poder público, inerentes a este tipo de trabalho, visto como secundário na sociedade atual.

“Numa época em que os recursos públicos destinados à área social escasseiam e as demandas, em contrapartida, aumentam, a exigência por uma gestão eficaz, eficiente e

efetiva dos projetos e programas sociais é categórica” (SANTOS, 2003). Às vezes, ineficientes e ineficazes, os projetos existentes no governo, de apoio a essas iniciativas não contribuem como deveriam. Desse modo, se não houvesse cooperação, relevância nas ações comunitárias e uma articulação, as negociações não seriam satisfatórias para a manutenção dessas iniciativas culturais.

É importante conhecer as principais parceiras estabelecidas com a Escola de Educação Percussiva Integral, pois assim tem-se a dimensão do seu grau de abrangência. O fato de se localizar fora do eixo tradicional e não ser contemplado com espaços de fruição cultural, não significa dizer que o projeto é desarticulado, ou ainda, que não tem organização suficiente para enfrentar a burocracia existente nas parcerias estabelecidas com o governo. É importante imaginar que se a localidade do Cabula tivesse equipamentos culturais para suprir a oferta de produções, muitos outros projetos poderiam ter a mesma organização, já que haveria um intercâmbio comunitário freqüente e as iniciativas bem sucedidas poderiam servi de exemplo.

Vale ressaltar, que mesmo com algumas parcerias a Escola de Educação Percussiva consegue se manter, principalmente, devido ao fortalecimento contínuo das ações comunitárias dentro do Cabula. Segundo o idealizador do projeto, as ações comunitárias são muito presentes no dia-a-dia da escola, sendo esse o grande diferencial da comunidade do Cabula. Isto, pois, somente com o apoio dos projetos do governo, talvez, a Escola não tivesse tanta força.

Dessa maneira, vê-se que com a falta de equipamentos culturais para auxiliar na articulação perante aos órgãos externos a comunidade, é necessário um fortalecimento do que chamamos, no capítulo 2 (dois), de políticas públicas, para além das políticas governamentais. Pois, como foi dito, as políticas públicas não são apenas aquelas feitas pelo governo.

Em depoimento, Wilson Café, relata que a ligação da Escola com a comunidade do Cabula é impressionante. Eles juntos fazem, muitas vezes, o papel do Estado. Em vários momentos já utilizaram o talento desses jovens para fazer apresentações no local e arrecadar recursos para a própria comunidade. A exemplo, dessa solidariedade existe, por exemplo, o Padre Maurício, que disponibiliza o espaço da igreja, que ele cuida, para que a Escola de Educação Percussiva se apresente e a partir daí arrecade recursos para a comunidade. Segundo ele, essas ações são importantes, pois chamam a atenção das pessoas para o local.

Visto esse exemplo, vale reafirmar que a política pública envolve também a sociedade civil, basta que a ela seja sensibilizada. Assim, torna-se articuladora, junto às produções, auxiliando na distribuição e preservação das ações culturais e no domínio do

aparelho burocrático público. De modo a assegurando apoio quando este não se fizer presente. Por outro lado, mesmo com todas as dificuldades encontradas deve-se reconhecer a importância dessas parcerias com o governo.

Atualmente, a Escola de Educação Percussiva Integral, nosso objeto de estudo, contribui para a erradicação do trabalho infantil, através das ações comunitárias e culturais no Cabula. É importante dizer que no Brasil esta luta inicia-se em 1981 com a lei de proteção ao trabalho infantil. Apesar de até meados da década de 1980 o assunto ser considerado pouco importante, na década de 1990 ganhou destaque. Hoje, uma das formas de combater essa realidade é através de ações comunitária como as da Escola de Educação Percussiva Integral. (BRASIL, 2008)

O PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, do governo federal, é uma das parcerias que contribuem para a manutenção da Escola de Educação Percussiva Integral, no Cabula. Ele atua na transferência de renda às famílias com situação de trabalho infantil. Além disso, oferece o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos às crianças e adolescentes, que foram retiradas desse trabalho. O PETI funciona de forma articulada, para retirar crianças e adolescentes, com idade inferior a 16 anos, do trabalho precoce, exceto apenas quando a criança a partir de 14 anos está na condição de aprendiz. (BRASIL, 2008)

Dessa maneira, através de projetos sociais, eles tentam alcançar objetivos relacionados à formação social da criança e do adolescente. Sendo assim, protegem-nas das variadas formas de trabalho infantil, mobiliza e sensibiliza a sociedade para a erradicação do trabalho infantil, reconhece nas crianças e nos adolescentes uma fase peculiar que precisa ser respeitada e tratada de forma diferenciada, além de buscar o fortalecimento da família.

A escolha da Escola de Educação Percussiva, como parceria do PETI é hoje uma das formas de alcançar os objetivos supracitados. Isto porque, o adolescente em contato com a Escola Percussiva tem um desenvolvimento integral garantido, através do acesso a matérias da educação formal. Por conseguinte, eles têm acesso ao esporte, ao lazer, a alimentação e a profissionalização. Tudo isso com o intuito de melhorar a convivência familiar e a participação comunitária.

A Escola Percussiva tem ainda o cuidado de fazer com que esses jovens não tenha interesse apenas pela alimentação oferecida por esses programas do governo. Tanto que a base curricular do projeto contempla a arte, cultura, educação, esporte e lazer. Assim, o interesse pelo projeto varia, deslocando a atenção da alimentação e da bolsa disponibilizada para as famílias.

Um dos pilares do PETI é ampliar trocas culturais e de vivência, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Possui caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação dos direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades, com vista ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social (BRASIL, 2008).

Ao longo dessa análise do perfil e dos objetivos do PETI nota-se que o objeto de estudo desse trabalho é um exemplo de êxito. Pois, em meio à falta de equipamentos culturais conseguiu cumprir com exatidão os pré-requisitos desse programa do governo federal. A falta de equipamentos poderia caracterizá-lo como um projeto sem organização e com dificuldades de cumprir, tornando-o o seu trabalho amador, o que não ocorre. Vejamos que o programa de erradicação do trabalho infantil preza pela oferta de atividades continuadas que devem ter horário e espaço pré-definidos, organizados em percursos que garantam o desenvolvimento social, físico e mental das crianças e adolescentes, adequados ao seu ciclo de vida, a partir de planejamento prévio. O planejamento deve ser sempre realizado respeitando-se as realidades locais, culturais e as necessidades e interesses das crianças e/ou adolescentes (BRASIL, 2008).

Em paralelo a isso, as famílias devem adotar o compromisso de observar, cuidar e evitar que essas crianças e adolescentes voltem para as atividades laborais e de exploração. É importante que elas tenham uma frequência mínima de 85% na carga horária da Escola. Assim, ambas as partes contribuem para o bom comportamento da criança e do adolescente no contexto onde está inserido, além de os transformarem em matéria-prima para a propagação cultural dentro da comunidade e, posteriormente, na cidade.

Outro convênio vinculado é o Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária – PROJOVEM. Ele foi criado em 2005, com o intuito de articular ações voltadas para o desenvolvimento integral do jovem brasileiro. Para eles é importante criar condições necessárias para que não haja desigualdades e assim possa restaurar nos jovens a esperança de ter um futuro decente neste país. Isto porque, esse jovem brasileiro vinculado ao PROJOVEM é de baixa renda, muitas vezes em situação de risco e inserido numa comunidade que não tem subsídios suficientes para reverter essa situação, juntamente, as famílias.

O PROJOVEM foi o resultado de m política nacional integrada eu objetivavam o fortalecimento do jovem nesse país. O governo federal, com essa perspectiva criou a política nacional de juventude e a partir daí alguns projetos sociais são contemplados nesse país.

A Escola de Educação Percussiva, mais uma vez, faz-se instrumento dessas aspirações sociais através do seu trabalho de base educacional associado aos valores culturais e artísticos. Essas iniciativas mostram resultados importantes e promissores, para a formação dos jovens. O PROJOVEM atua de forma integrada e visa proteger socialmente à família, oferecendo mecanismos de convivência familiar e comunitária. Cria condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional. Há também a preocupação com o desenvolvimento humano e com o exercício da cidadania, por meio dos estudos e da profissionalização qualificada. Objetiva também preparar os jovens para o mercado de trabalho e para as ocupações alternativas geradoras de renda.

Este Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária - PROJOVEM é voltado, especificamente, ao segmento vulnerável e menos contemplado por políticas públicas, ou seja, os jovens. Nessa perspectiva, o Programa tem como finalidades específicas: a re-inserção dos jovens no processo de escolarização, a identificação de oportunidades potenciais de trabalho e a capacitação dos jovens para o mundo do trabalho, a participação dos jovens em ações coletivas de interesse público, a inclusão digital como instrumento de inserção produtiva e de comunicação, a ampliação do acesso dos jovens à cultura (BRASIL, 2007).

Assim, para os objetivos desse programa seja cumprido o PROJOVEM, faz-se necessário uma gestão compartilhada, participativa, principalmente, com os projetos sociais que são conveniados. Assim, haverá de forma satisfatória o fortalecimento da educação, do trabalho e do desenvolvimento social.

Porém, nem sempre é possível cumprir esses critérios. Na Escola de Educação Percussiva essas parcerias com o poder público já prejudicaram o andamento das atividades. O PROJOVEM, por exemplo, foi uma dessas parcerias falhas. Isto porque, o convênio com inclui pagamento de professores, fardamento e alimentação. Mas, recentemente, só cumpriu com o pagamento de professores. Estes queriam suspender as atividades de sala de aula. A Escola Percussiva não permitiu e, mesmo assim, continuo suas atividades normais. Eles utilizaram a alimentação que estava no estoque. No final, receberam um prêmio por tal atitude.

A Escola encontra diversas dificuldades como essa. A justificativa do governo é sempre a de um orçamento reduzido ou de recursos não disponibilizados. Por outro lado, em período de eleição, a escola recebe cartazes e panfletos de partidos políticos. Eles chegam juntos com algumas cestas básicas e em troca querem ter seu material de campanha divulgado. A escola não faz campanha política, ainda que precisando das cestas básicas. Eles

afirmam que ações como essa são paliativos, enquanto que as ações concretas vinculadas as políticas públicas não ocorrem.

Outro programa importante é o Segundo Tempo, que auxilia nos custos dos professores de esporte e lazer, bem como no lanche dos jovens. Este programa consiste numa estratégia para democratizar o acesso a cultura do esporte de maneira a favorecer o desenvolvimento de crianças e adolescentes expostos aos riscos sociais. Ele é um programa estratégico do governo federal.

Ele é um fator preponderante para a formação da cidadania e para a socialização dos jovens. Contribui para a melhoria da qualidade de vida e para retirada desses jovens em vulnerabilidade social das ruas. Pois, o esporte atua como fator motivador e disciplinar. Essa parceria ocorre, pois o esporte e o lazer são vistos como direito de todos e dever do Estado. Em consonância a este princípio, a Escola de Educação Percussiva Integral facilita este acesso com o apoio desse projeto.

4.2 TURISMO SÓCIO-CULTURAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O turismo tem uma característica peculiar de apropriar-se de diversos segmentos para agregar valor a sua atividade. Apesar disso, a maioria dos seus investimentos preocupa-se, quase sempre, com itens da infra-estrutura, do marketing, da capacitação de mão-de-obra, dentre outros. Todavia, ele é um vetor fundamental para estimular a economia das comunidades que o praticam. Porém, muitas vezes o que acontece é o distanciamento entre os benefícios gerados e a comunidade. Isto porque, a renda gerada concentra-se na mão dos grandes empresários.

Partindo dessa premissa, pode-se dizer que é necessário uma nova forma de pensar o turismo, já que as comunidades estão cada vez mais envolvidas na formação do produto. As análises que se seguem estão relacionadas com essa nova forma de organizar a atividade. É necessário utilizar, de forma positiva, essa capacidade que o turismo tem de relacionar-se com diversos outros setores, para que ele possa gerar crescimento comunitário e social.

Nesse prisma, algumas considerações sobre o potencial para o turismo sociocultural da Escola de Educação Percussiva Integral serão feitas. Isto porque, mesmo que

de maneira incipiente, ela relaciona-se com a atividade, além de demonstrar interesse em participar deste setor.

Como o turismo é uma atividade com diversos segmentos, faz-se necessário utilizar alguns conceitos que delimitarão a perspectiva da Escola Percussiva no turismo. Então, pode-se dizer que o conceito de turismo social é válido para entendermos a lógica da participação comunitária. Este segmento, que teve suas referências datadas em meados do século XX, hoje aparece como um forte meio de inserção das camadas populares. (SESC, 2004)

O Turismo Social é a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão (BRASIL, 2008). Essa perspectiva é um dos pilares consolidados na realidade da Escola de Educação Percussiva Integral. Isto porque, ao longo desse trabalho, nota-se que há uma preocupação prioritária na formação dos jovens da comunidade do Cabula e entorno. A retirada deles da situação de vulnerabilidade social foi à maior motivação do idealizador do projeto, Wilson Café. Então, ao longo dessas considerações vamos entender como o valor social desse projeto pode contribuir para o segmento sociocultural do turismo.

O trabalho com arte e cultura veio como instrumento para alcançar este objetivo maior. Com o tempo, a qualidade da dança, do teatro e da música, foi crescendo. Eles começaram a perceber a capacidade que tinham de serem absorvidos pelo mercado cultural. Isto, principalmente, pois tinham outros exemplos de sucesso na cidade, como os projetos culturais do Olodum, Timbalada e Projeto Axé, por exemplo.

Segundo Wilson Café, a escola percussiva tem muito potencial para crescer cada vez mais no mercado, pois se diferencia desses outros projetos sociais supracitados. Apesar de reconhecer a qualidade deles, ele acredita na educação musical, para além do toque da percussão ou dos passos de dança, como ocorre na maioria das vezes em vários projetos desse gênero. Nos ensinamentos percussivos da escola, por exemplo, aborda-se desde a origem até a importância do instrumento, relacionando-os com a história do país e da cultura africana.

Em consonância com esse perfil diferenciado eles trabalham com ritmos percussivos que são pouco estudados na Bahia e importantes para a história da música baiana. Alguns deles são: a embolada, o coco, o maracatu, baião, xote, miudinho, o samba matriz e outros. Estas características seriam válidas para diferenciá-los de outros projetos, que se caracterizam por ensinar o instrumento, focado na técnica.

Desse ponto de vista, pode-se traçar um paralelo com o Olodum. Grupo cultural

localizado numa área marginalizada da cidade, que apesar de no início da sua história, não participar das atividades desenvolvidas no eixo tradicional. Sempre foi reconhecida a sua relevância, já que estava localizado numa região com grande contingente de negros, a Liberdade. Isto, já o destacava como representante da história dessa raça.

Mesmo não tendo como foco a educação continuada da arte e cultura, como ocorre na escola de educação percussiva, relacionando-as com os instrumentos musicais, tornou-se uma referência para outros projetos sociais. Ele foi o mais bem sucedido bloco afro do início dos anos 90, no Brasil e no exterior e referência para vários jovens negros na Bahia. Hoje, eles abrangem um bloco carnavalesco, uma banda para shows, mirim, juvenil e adulto, a escola criativa, um grupo de teatro e uma editora (SCHAEBER, 1997).

A conseqüência disso foi disseminação da cultura negra no Brasil e no mundo, configurando-se como um grupo cultural de relevância para o turismo. Exemplos de sucesso como esse e com o desenvolvimento do turismo nos últimos anos. A escola percussiva, então, não descarta a possibilidade de trabalhar com o turismo. Os incentivos para tal, ao longo da sua trajetória, estão acontecendo com freqüência. Então, pensa-se na atividade turística como um vetor de desenvolvimento para a escola.

Para ampliar essa perspectiva, em entrevista o idealizador, relatou que por trabalharem com ritmos percussivos poucos estudados na Bahia, já receberam em sua sede diversos turistas estrangeiros. Eles vêm com o intuito de conhecer o projeto e aprender as peculiaridades presentes no ritmos percussivos baianos. Porém, estas visitas ocorrem de forma desordenada e sem um enfoque econômico, o que permite afirmar que a escola não está contribuindo significativamente para a atividade turística.

Por outro lado, o intercâmbio cultural dissemina a cultura baiana e demonstra um potencial, mesmo que pequeno, da escola para tal atividade. Inclusive, em uma dessas visitas, Wilson Café, precisou acionar a polícia. Pois, os 30 (trinta) suíços que desembarcaram na comunidade estavam em ônibus do Salvador Bus e com aparelhos eletrônicos em mãos. Isto preocupou a escola, pois como a comunidade não está acostumada com essa realidade poderia haver problemas de furtos e roubos. O que prejudicaria a imagem do projeto, para posteriores encontros.

A partir dessa ação preventiva por parte da Escola percussiva é importante fazer um paralelo entre os reflexos das atrações culturais no eixo tradicional e fora dele. A presença de muitos turistas, para a visita nos equipamentos culturais do eixo tradicional, como o Teatro Castro Alves, é normal na vida daquela comunidade. O fato dos turistas chegarem de Salvador Bus e com seus aparelhos eletrônicos em mãos, não demanda uma ação preventiva

por parte dos equipamentos que serão visitados naquela localidade. Isto porque, apesar dos cuidados necessários, os deslocamentos de turistas e, até mesmo, dos próprios residentes, para o consumo cultural é algo contínuo.

Essa é uma das vantagens presentes no dia-a-dia do eixo tradicional da cidade. Ele tem diversos equipamentos culturais alvo de visitas ao longo de todo o ano. Por conta disso, há benefícios para o comércio local, o intercâmbio de informações, socialização dos visitantes e, também, para a educação voltada ao consumo cultural adquirida naturalmente. Em contrapartida, a existência de um eixo fora dessa realidade, incentiva a falta de educação para o consumo cultural, dificulta a circulação desses bens e diminui a capacidade das produções de trabalharem com outros segmentos da economia como o turismo.

Mesmo assim, o intercâmbio cultural entre escola de educação percussiva e pessoas de outros países não se resume a essas visitas desordenadas. Wilson Café, em seus shows no exterior passou a divulgar o trabalho da escola. Com tempo os efeitos de tal divulgação começaram a apresentar resultados. Em 2008, eles foram convidados para se apresentar em Madri, na Espanha. Fora do país há um reconhecimento maior do trabalho desenvolvido por eles. A Secretaria Geral Ibero-Americana em Madri, na Espanha, tem apoiado desde o início esta iniciativa e nesse momento se fez presente oferecendo todo o suporte necessário. Hoje os convites para se apresentarem no exterior não param de surgir e aos poucos eles vão se profissionalizando e estimulando a vinda de turistas em busca dos ritmos percussivos pouco convencionais. Aos poucos, tornam-se multiplicadores da cultura baiana em várias partes do mundo.

Os acontecimentos, como os supracitados repercutiram no Brasil, em âmbito estadual. Tanto que, ainda de acordo com o Wilson Café, a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, no último ano da gestão de Paulo Gaudenzi, em 2006 houve reconhecido o potencial da Escola e da sua região. O intuito era realizar um projeto para a criação de um corredor cultural no Cabula. Isto porque, com tais projeções, a escola chamou atenção para outras ações comunitárias existentes no local. Tais como o circo, os terreiros, os blocos carnavalescos, dentre outros.

Porém, quando houve a transição de Paulo Gaudenzi para o novo secretário de turismo do Estado, Domingos Leonelli, as ações para a realização desse corredor cultural foram se desarticulando. Wilson Café, como o articulador principal desse corredor, junto a Secretaria de Turismo do Estado, afirma que o projeto, não deu certo, devido à descontinuidade política que existe no nosso país. Além disso, é necessário que projetos com essa vertente sejam reconhecidos com seriedade no Brasil.

É partir dessas avaliações, que emergem desse estudo as possibilidades de trabalharem com o turismo, principalmente, o segmento sociocultural, que se caracteriza pela forte relação com a comunidade. A escolha deste referido segmento esta associada ao fato de realizar-se de forma integrada às demais atividades econômicas, priorizando a geração de emprego e renda para os residentes nas comunidades, os pequenos empreendimentos locais. De modo que, dinamize capital local e tenha a participação de todos, com espaço para os jovens. Assim, o conjunto dessas relações permite a participação, no turismo, das camadas sociais menos favorecidas O que potencializa a utilização do caráter social do turismo.

O Turismo pode se apresentar - aliado a outras ações setoriais - como uma solução para os problemas econômicos de uma região, agindo, conseqüentemente, no sentimento de pertencimento do morador ao seu local de vivência, fruto principalmente das condições que esse o oferece para viver. Muitas vezes, em uma região pobre, que não oferece oportunidades de trabalho para a população jovem, pode-se gerar nessa, um sentimento de revolta e de repúdio ao seu universo cultural. Nesse caso, o Turismo pode ser um fator de minimização dessa condição desfavorável, uma vez que apresenta para essa população uma nova oportunidade de trabalho, de geração de renda, de valorização do seu universo social e cultural, de manutenção dos seus valores, e principalmente, de seu sentimento de pertencer a uma coletividade com a qual essa população se identifica. (PIRES, 2004, p. 17)

Essa percepção do turismo respalda ainda mais a condição do objeto em questão. Visto que, esse universo é uma das bases principais da sua atividade. Aliado a isso, pode-se considerar necessário que o turismo tenha como base a peculiaridade do local que está sendo praticado. Isso evita a frustração do turista, pois ele busca uma experiência cultural e comportamental diferente da que está habituado. Sendo assim, é importante que as atividades que servem de matéria-prima para o turismo não sejam ilusórias e sim representantes do universo cultural do destino visitado. (PIRES, 2004)

Nessas duas perspectivas apresentadas, a escola de educação percussiva integral adéqua-se de forma satisfatória. Pois, cumpre tais requisitos, a fim de através do seu trabalho social beneficiar a sua comunidade e resgatar elementos importantes da cultura local. Além disso, seria possível despertar a consciência histórica, cultural, ecológica e comunitária, não apenas dos turistas, mas também dos anfitriões e das empresas que fazem parte deste processo. Seria a democratização e difusão de bens e patrimônios socioculturais revelantes para a contemporaneidade. Incentivaria o exercício de valorizar outras formas de produção cultural existente na cidade.

Por outro lado, esse segmento de turismo sociocultural, seria mais barato e permitiria que as camadas menos favorecida pudessem praticar a atividade. Atualmente, o turismo é uma prática, majoritariamente, das classes com maior poder aquisitivo. Basta que se

perceba que as ações existentes no campo do turismo são privatizantes, elitistas, pulverizadas e obedecem ao princípio de estar descomprometidas com as classes populares (SANTOS FILHO, 2008). Observa-se então que inserções como a do referido objeto contribuiria positivamente, para reverter esse quadro. Em paralelo, estimularia tanto nos moradores, quanto nos turistas de baixa renda, o valor das manifestações culturais oriundas das comunidades e dos seus patrimônios, tendo como resultado um novo entendimento de mundo e das relações sociais.

No âmbito da escola, por exemplo, esses jovens são muito incentivados quando percebem que o seu talento está sendo reconhecido por pessoas de fora. Sendo assim, os turistas contribuiriam para o trabalho de motivação desses jovens em situação de risco. Há uma emoção generalizada quando algum deles é escolhido para apresentações no exterior. Como todos os escolhidos devem estar bem preparados a relação com a atividade turística exigiria ainda mais do envolvimento desses jovens.

A aproximação entre o turismo e as atividades da Escola, foi feita a partir de uma possibilidade reconhecida pelo autor. A prática de observação em campo permitiu concluir que o objeto de estudo é uma matéria-prima para o turismo. De maneira a contribui para a renovação dos atrativos culturais da cidade. Visto que, o turismo também é prejudicado pela concentração de equipamento culturais, como foi discutido no capítulo 1 (um), limitando as outras opções existentes no município. É fundamental que os atrativos culturais sejam renovados para que o turismo possa beneficiar-se de todos os tipos de produção cultural.

Apesar do potencial que tem para tal, a escola não tem nenhuma estratégia montada para atender a tal potencial. O que existe é uma vontade de trabalhar com este setor da economia. Wilson Café complementa que há chances de incluir disciplinas relacionadas ao turismo na grade curricular dos alunos. Porém, é necessário que o poder público local dê subsídios para que isso se desenvolva de forma satisfatória.

Contudo, em pesquisa de campo realizada na Empresa de Turismo de Salvador – Saltur, em dezembro de 2010, observou-se que não há uma predisposição do poder público em reconhecer tais produções em eixos como o do Cabula. De modo que, a gerente de infraestrutura Turística da SALTUR afirmou não haver nenhuma ação voltada para essa área. A SALTUR, atualmente, foca suas atividades para região do centro histórico e outros destinos já trabalhados, desde a década de 1970. Ainda segundo a SALTUR, isto se justifica pois o mercado não está condicionado a consumir esse tipo de produto. Mas, faz-se necessário que o poder público, juntamente, com suas políticas, deem oportunidades as referidas manifestações

de se inserirem no mercado. Isto porque, o que não for visto, não será desejado pelo mercado consumidor.

Potenciais como os da escola percussiva podem contribuir para aumentar a permanência do turista na cidade. São atrativos diferentes dos vendidos habitualmente e a mais de 40 anos, como dito no capítulo 1 (um). Ainda em entrevista, Wilson Café, afirma que o trabalho artístico da Escola tem uma repercussão grande nos eventos fora do Brasil. É preciso que se valorize o que é nacional, para que as ações culturais de base comunitária possam se profissionalizar e representar bem o Brasil no exterior.

5 CONCLUSÃO

É condição essencial para que haja a democracia cultural a liberdade criativa do indivíduo. É necessário que ele tenha autonomia para utilizar o aparato cultural existentes no seu contexto social. Assim, o indivíduo desenvolveria a sua capacidade cognitiva e contribuiria para a sociedade. Nota-se que há suas limitações em Salvador para atender a demanda de produção cultural dos seus residentes, principalmente, as oriundas das áreas populares.

O acesso a cultura é um direito garantido pela constituição, mas não é cumprido em âmbito prático. Vê-se, então, que não é só a política, a economia, a saúde, por exemplo, que tem suas sérias contradições. A cultura, elemento intrínseco a condição humana, também é atingida pela característica leviana da organização cultural contemporânea. Apesar de existir, desde de quando existe o homem ela ainda é um dos segmentos com maiores dificuldades de organização. Em Salvador, por exemplo, os problemas vão desde orçamento e a equipe técnica a condições estruturais da cidade.

Este trabalho discutiu essa desorganização cultural no âmbito de seus equipamentos. De modo que, detectou a existência de um eixo tradicional na cidade, onde 46,3% dos equipamentos da cidade favorece as localidades do Rio Vermelho, Ondina, Barra, Graça, Corredor da Vitória, Campo Grande e Centro Histórico. Com esta porcentagem esse eixo detêm os benefícios gerados por esses espaços. Há, então, uma verticalização e afastamento das manifestações culturais. No mercado cultural, essas produções perdem importância e não são reconhecidas como elemento da identidade local. Só com esse dado, já se conclui que o Estado não garante o direito de acesso aos bens culturais como previsto na constituição. Dessa maneira é cada vez mais difícil inserir-se nesse universo cultural.

Esse cenário é responsável pela desmotivação de várias fruições culturais, porque o equipamento é responsável pelas primeiras realizações tangíveis proporcionadas pela cultura. Além disso, permite o fluxo dessa produção, gerando o reconhecimento dos atores sociais e estimulando a profissionalização dos mesmos.

Apesar de Salvador ser conhecida como um dos principais pólos culturais do Estado da Bahia, ela ainda precisa organizar adequadamente a sua infraestrutura cultural. Enquanto isso, esse quadro servi apenas para a divulgação do destino Bahia e para o aumento

do fluxo de turista, já que pouco beneficia as localidades populares que são a maioria na cidade.

Nessa perspectiva, existe o Cabula, localidade sede da Escola de Educação Percussiva, o objeto de estudo desse trabalho. Nele encontram-se as bases para a consolidação das matrizes africanas em Salvador. A presença, no século XIX, de diversos negros de origem africana, bem como de quilombos na região, faz do Cabula um marco histórico da cidade. O reflexo disso é a presença de 18 (dezoito) terreiros de candomblé no local. Em contrapartida, os gestores culturais não conhecessem tal realidade e não há nenhuma ação voltada para esta região. Então, com a falta de equipamento cultural ela não consegue demonstrar todo o seu potencial sociocultural.

As produções existentes no local destacam-se por méritos próprios, mas essa carência não permitiu que a localidade demonstre seu potencial por completo. Mas, em meio a esses entraves a Escola de Educação Percussiva Integral destaca-se por uma iniciativa que se importa com a educação social, cultural e artística dos jovens em situação de risco do Cabula e entorno. Ela encontra dificuldades para sobreviver, mas também tem muitos êxitos que sobrepõem às dificuldades e as faz sobreviver.

Dentre os fatores determinantes para a concepção do projeto, a presença significativa de afros descendentes na nossa população foi um deles. O intuito era tornar a história desses descendentes mais presentes no processo de formação social dos habitantes da cidade. Além disso, outro fator foi a desigualdade sócio-econômica que resulta no ingresso de crianças e jovens no mercado trabalho.

O direito à cultura, arte, educação, crescimento pessoal e convivência familiar que é dado aos jovens de baixa renda fortalece o projeto, que muitas vezes supri necessidades que o Estado não atende. Isso a distancia de outros projetos sociais, que ensinam apenas as técnicas de percussivas e não desenvolve o caráter interpretativo e motivador. Isto, pois, os jovens adquirem conhecimentos para interpretar os acontecimentos culturais da cidade onde vivem. Ela desenvolve uma filosofia artística interligada com a formação étnico-cultural, fortalecendo os valores de cidadãos, bem como o resgate da cultura local.

Neste prisma, o objetivo geral desse trabalho que era analisar a produção cultural desenvolvida pela Escola de Educação Percussiva Integral situada na localidade do Cabula foi atingido. Através do qual foi possível, também, reafirmar a importância de equipamentos culturais na vida útil das ações comunitárias e na dinâmica social, econômica e cultural de uma localidade. Além de apresentar a importância histórica, cultural e social da localidade do

Cabula e discutir o potencial das iniciativas culturais da Escola de Educação Percussiva Integral.

Diante disso, é possível concluir também que a hipótese do estudo foi confirmada. Na medida em que reconhecia a falta de equipamentos culturais na localidade do Cabula e os entraves gerados na produção cultural da região. Ela avaliava a Escola de Educação Percussiva Integral como um exemplo, para enfrentar as dificuldades de interlocução com o local, de visibilidade comunitária e do desenvolvimento da dinâmica social, econômica e cultural. Por outro lado, mesmo com essa incipiência de espaços, as suas expressões artístico-culturais cresciam, fortaleciam-se e representam a identidade local. De modo a promover benefícios para a localidade do Cabula.

Vale lembrar, Mesmos com tal constatação, que o equipamento cultural é um espaço social criado para quem aprecia e produz a cultura. Ele carrega em si próprio o espírito da ação cultural, área livre para produzir e apresentar. Ele representa um processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas se tornem sujeitos da cultura. Preocupam-se com a conquista do desenvolvimento individual e coletivo.

Então, as videolocadoras e os shoppings não serão considerados assim nesse estudo. Eles não colaborariam, por exemplo, com os problemas enfrentados pela Escola de educação Percussiva, pela falta de equipamentos culturais na Cidade. São espaços de distribuição e consumo, respectivamente. Nenhuma dessas opções pode substituir um espaço destinado a produção cultural. Visto que, eles têm sua função estabelecida e são pensados dentro das políticas culturais do estado.

A Escola Percussiva foi capaz de produzir cultura mesmo com a problemática de falta de espaços destinados a isso. Ela contribuiu para que a comunidade do Cabula possa demarcar seu território através da leitura de mundo dos seus atores sociais. Ela ainda provou que a população deve participar, não apenas como receptora, mas também como produtora de fluxos e estoques simbólicos.

A grande dificuldade encontrada pela escola é que a comunidade local não pode exercer o pleno direito de acesso, enquanto ela o de fruição dos seus bens culturais produzidos ali e pertencente aquela comunidade.

Vê-se que controlar a distribuição desses espaços é fundamental para evitar desordem no tecido urbano e a limitação de quem vive da cultura. No caso do Cabula, as produções culturais precisam de equipamentos para que haja manutenção das manifestações sócio-culturais da localidade. Pois, caso contrário a medida que essa problemática aumenta o distanciamento entre cultura popular e cultura erudita aumenta.

Essa dicotomia cultural faz crescer não somente o eixo tradicional do ponto de vista geográfico e sim no âmbito antropológico. Isto, pois, o indivíduo pertencente à elite cultural interfere mais na construção dos pensamentos culturais e, conseqüentemente, no que será absorvido pelo mercado como produto.

Dito isto, aquelas pessoas produtoras de cultura popular, nas localidades fora do eixo tradicional, verá sua produções perderem espaço e então para sobreviver passarão a reproduzir o que o mercado absorverá. Desse modo, como quem organizará o mercado será o próprio eixo tradicional, a cultura popular nada mais será do que a reprodução da cultura desse eixo.

Por outro lado, ainda há a possibilidade disso não acontecer, visto o exemplo da Escola Percussiva considerada, neste estudo, como uma manifestação de classe baixa diferente da produzida pela cultura dominante, e mesmo estando fora das grandes instituições, trabalha de forma independente. Podemos assim considerar consolidado e fundamental o trabalho desenvolvido. Mesmo que a desvalorização desse tipo de projeto seja fruto de um processo histórico, de uma herança da colonização, não se pode acomodar diante de tal afirmação. Assim, entende-se que a política cultural é importante para democratizar os recursos culturais de todo e qualquer lugar. Seja exercida por qualquer setor da sociedade, o Estado ou o privado.

Outro fator importante para a sobrevivência da Escola Percussiva são as parcerias, tanto dos projetos do governo, quanto da própria comunidade. Vale ressaltar, que mesmo existindo o PETI, O PROJOVEM, O SEGUNDO TEMPO a parceria mais importante para crescimento da escola é a comunidade local. Isto, pois, as ações comunitárias são muito presentes no dia-a-dia. Isso se configura como sendo o diferencial da comunidade do Cabula.

Todavia, mesmo tendo sido de suma importância para a história da cidade e hoje impulsionadora das manifestações populares. O Cabula pode perder tal característica devido a especulação imobiliária que já o atinge. E as poucas áreas verdes que existem no local estão sendo sacrificadas, para a construção de vários edifícios. Portanto, as espaços que poderiam está sendo utilizados para a construção de equipamentos culturais estão sendo utilizadas para verticalizar a cidade.

A comunidade está perdendo então a oportunidade de se tornar uma referência em cultura popular na cidade. Como já foi reconhecida na gestão de Paulo Gaudenzi, como secretário de turismo do Estado da Bahia. Na época ele idealizador do projeto, junto a Escola de Educação Percussiva, para a construção de um corredor cultural no local. A escola destaca-

se nesse cenário turístico, também, pois recebe mesmo de forma desordenada turistas para estudar os ritmos percussivos pouco trabalhados na Bahia, mas estudados pela Escola.

Vê-se, por conseguinte, que mesmo com tamanha distância entre o eixo tradicional da cidade e a localidade do Cabula. A escola de Educação percussiva conseguiu encontrar um eixo que a diferencia de outros projetos sociais. Na Bahia os projetos que se destinam a estudar a cultura negra são aqueles oriundos das camadas mais populares. Portanto, faz-se necessário preservar iniciativas desse porte, para que a existência de um eixo tradicional distancie estas produções da realidade e ocorra o etnocentrismo em âmbito local. O que não permitiria que ações como a da escola percussiva tivesse espaço na história da formação social de Salvador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Vilela. Turismo Social: por uma Compreensão mais adequada este fenômeno. In. BAHL, Miguel (Org). **Turismo enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Roca, 2003.

ALBINATI, Mariana Luscher. **Cultura e Território: Equipamentos culturais em bairros populares**. Salvador: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2008

BAHIA. Empresa Baiana de Água e Saneamento S.A. **Embasa despolui Represa do Cascão**. Salvador: Assessoria de Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.embasa.ba.gov.br/novo/Noticias/detalhar.asp?cod=331>>. Acessado em: 19 dez. 2009.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. **1º censo cultural da Bahia**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006. Disponível em: <http://www.censocultural.ba.gov.br/ccb_municipios.asp?letra=S#guia>. Acessado em: 25 nov. 2009.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 13 dez. 2009.

BOTELHO, Isaura. Os **equipamentos culturais na cidade de São Paulo**: um desafio para a gestão pública. In: Revista Espaço e Debates. São Paulo: NERU, 2003. Disponível em: <http://www.centrodametropole.org.br/pdf/espaco_debates.pdf>. Acessado em: 15 fev. 2010.

BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. **O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo**. Relatório da Primeira Etapa da Pesquisa. Centro de Estudos da Metrópole – CEBRAP. Abril de 2005.

BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. **O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo**. Relatório da Primeira Etapa da Pesquisa. Centro de Estudos da Metrópole – CEBRAP. Abril de 2005.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2008. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/programas/redesuas/protecao-social-especial/programa-de-erradicacao-do-trabalho-infantil-peti>>. Acessado em: 16 dez. 2009.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Segundo tempo**. Brasília: Ministério do Esporte, 2009. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/>>. Acessado em: 16 dez. 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Regional – Relatório do Brasil**. 2 ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Regional – Relatório do Brasil**. 2 ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Social**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/social.html>. Acessado em: 16 dez. 2009.

BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. **O Programa ProJovem**. Brasília: Secretaria nacional da juventude, 2007. Disponível em: <<http://www.projovemurbano.gov.br/site/interna.php?p=material&tipo=Conteudos&cod=11>>. Acessado em: 16 dez. 2009.

ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL ODEART . **Cabula: memória social e identidade cultural inaugural**. Salvador: Associação artístico-cultural Odeart, 2009. Disponível em: <<http://odeart.spaces.live.com/>>. Acessado em: 30 jan. 2010.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania**

CAMPOMORI, Mauricio; CUNHA, Maria Helena; JÚNIOR; Baracho. **Arte e cultura: direito previsto a ser garantido**. Serra: Favela é sso aí, ano. Disponível em: <<http://www.favelaeissoai.com.br/noticias.php?cod=35>>. Acessado em : 16 dez, 2009.

CASTRO, Yeda Pessoa. **Falares africanos na Bahia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural: estudos avançados**. São Paulo:

COELHO NETO, José Texeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COELHO NETO, José Texeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DOMÍNIO PÚBLICO. **O Estado da Bahia**. [sl]: Domínio Público, 1999. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000031.pdf>>. Acessado em: 16 dez. 2009.
em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.

ENCONTRO INTERNACIONAL INTERLINK PLUS. 2008. Salvador. **Cabula: território africano-brasileiro**. Salvador: Eduneb, 2008.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO PERCUSSIVA INTEGRAL. Apresentação. Salvador: Escola de Educação Percussiva Integral, 2007. Disponível em: <<http://www.escolapercussiva.com/index.php>>. Acessado em: 05 dez. 2009

FERNANDES, Rosali Braga. **Las Políticas de La Vivienda em La Ciudad de Salvador y los procesos de Urbanización Popular em el Caso del Cabula**. 1 Ed. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, Cultura e Turismo**. 2 Ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL ODEART . **História e cultura do Cabula**. Salvador: Associação artístico-cultural Odeart, 2009. Disponível em: <<http://odeart.spaces.live.com/blog/cns!4B0D4D4AD09DB0F4!291.entry>>. >. Acessado em: 30 jan. 2010.

INSTITUTO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA. **Nzinga Mbandi**. [sl]: Instituto Nzinga de Capoeira Angola, 2007. Disponível em: <<http://www.nzinga.org.br/incab/rnzinga.htm>>. Acessado em: 30 jan. 2010.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. Fundamentos Econômicos do Turismo. In. LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar (Orgs). **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 25-37.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 2ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica civilizatória africano-brasileira**. Salvador: Edufba, 1995.

LUZ, Narcimária. **Abebe: a criação de novos valores na educação**. Salvador: Secneb, 2000.

MAGNAVITA, Maria das Graças. Possibilidades de Lazer como Fator de Atração Turística em Destinos Turísticos Culturais – O Exemplo Salvador. In. ARAÚJO, Irlândia Ramos de (Orgs). **Hospitalidade Contribuições, Reflexões e Tendências**. Salvador: Editora FIB, 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Subsídios de uma Política de Lazer – O Papel da Administração Municipal. In. MARCELLINO, Nelson Carvalho (Orgs). **Políticas Públicas Setoriais de Lazer O papel das prefeituras**. São Paulo: Autores Associados, 1996, p. 23 – 30.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. **A cidade e o lazer: as desigualdades sócio-espaciais na distribuição dos equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro e a construção de um indicador que oriente as ações em políticas públicas**. Porto Alegre: Movimento. 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewFile/2886/1500>>. Acessado em: 15 fev. 2010.

NICOLIN, Janice de Sena. . **Artebagaço odeart: ecos que entoam a mata africano-brasileira do Cabula**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, departamento de Educação, Campus I, Salvador, 2007

NUNES, Eduardo José Fernandes; SOUZA, Dionalle Monteiro de. **Educação e território: estratégias de desenvolvimento local na periferia de Salvador**. Porto Alegre: IX Coloquio Internacional de Geocrítica, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/9porto/enunes.htm>>. Acessado em: 22 jan. 2010.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori; RATTES, Plínio César. . **Equipamentos Culturais de Salvador: Públicos, Políticas e Mercados**. Salvador: Encontro Latino de Economia da Informação, Comunicação e Cultura. 2005.

PIRES, Ewerthon Veloso. **Impactos Sócio-Culturais do Turismo sobre as Comunidades Receptoras: Uma Análise Conceitual**. Rio de Janeiro: Instituto Virtual de Turismo, 2004.

PORTO FILHO, Ubaldo Marque. **Bahia: terra da felicidade**. Salvador: Bahiatursa, 2006.

REIBER, Eulâmpia Santana. Fragmentos de um discurso. In. GONZAGA, Sandra; VIEIRA, Mariella Pitombo (Orgs). **Bahia, Turismo e Cultura. Pré-textos para discussão**. 2 Ed. Salvador: BDA Bahia, 1997, p. 8- 11.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da Cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. São Paulo: Manole, 2007.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REVISTA SHOPPING CENTER. São Paulo: ABRASCE, 2001. Disponível em: <<http://www.abrasce.com.br/arqvirtual/revista/2001/revset/especial.htm>>. Acessado em: 28 nov. 2009.

SÁ, Natália Coimbra de. O discurso da Baianidade e sua utilização pelos órgãos de turismo na Bahia. In. SOUZA, Regina Celeste de Almeida; MOUSINHO, Maria Cândida A. de M.; SÁ, Natália Coimbra de (Orgs). **Turismo Cultural novos desafios**. Salvador: Unifacs, 2007, p. 55- 68.

SAHLINS, M. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SANTOS, J. L. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. **Inclusão ou exclusão social: qual é a lógica do Turismo?**. Rio Grande do Sul: USC, 2008.

SANTOS, Juana Elbein. **Os nagô e a morte**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHAEBER, Petra. Música negra nos tempos de globalização: produção musical e management da identidade étnica – o caso do Olodum. In, SANSONE, Livio; SANTOS,

Jocélio Teles (Orgs). **Ritmos em trânsito: sócio-anthropologia da música baiana**. São Paulo: Dynamis editorial, 1997, p. 145 – 159.

SELDIN, Claudia; VAZ, Lilian Fessler. **Ações culturais: formas de resistência nos espaços urbanos**. [s.l]: UFMG, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/atividadesefetos/teste1/137/trabalho1.pdf>>. Acessado em: 13 dez. 2009.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petropolis: Vozes, 1991.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira o que é, como se faz**. 3 Ed. São Paulo: Loyola, 2005.